

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - Campus de Bauru

CAIO VINICIUS MACHADO
LETÍCIA DOS SANTOS DE ARAUJO

“QUERO OUVIR TEUS DOCES SUSPIROS”
CURTA-METRAGEM EXPERIMENTAL DO GÊNERO TERROR

BAURU

2025

CAIO VINICIUS MACHADO
LETÍCIA DOS SANTOS DE ARAUJO

”QUERO OUVIR TEUS DOCES SUSPIROS”

Curta-metragem experimental do gênero terror

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação
e Design, Bauru, para obtenção do título de
Bacharel em Comunicação: Rádio, Televisão e
Internet.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Jareta de Oliveira

Bauru
2025

Machado, Caio Vinicius. Araujo, Letícia dos Santos de.

"Quero Ouvir Teu Doces Suspiros" Curta-metragem experimental do gênero terror/ Caio Vinicius Machado, Letícia dos Santos de Araujo. - Bauru, 2025

Trabalho de conclusão de curso (Bacharel - Comunicação: Rádio, Televisão e Internet)-Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientador: Prof. Dr. Bruno Jareta de Oliveira

1. Terror. 2.Erotismo. 3. Corpo feminino - Meios auxiliares. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. II. Título.

Dedicamos este trabalho às garotas, à juventude queer, esses que um dia foram chamados de pervertidos pelo seu desejo. Que ele possa se encontrar na subversão e se permitir ser intenso e violento.

AGRADECIMENTOS, *por Caio*

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais por todo o apoio e incentivo dado para que eu seguisse carreira em Audiovisual, minha paixão desde a infância. É graças ao amparo constante deles que consegui chegar até aqui.

Agradeço também a todos os professores que passaram pela minha trajetória acadêmica na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” pela educação gratuita e de qualidade que me foi proporcionada. Destaco aqui a importância dos professores Gustavo Soranz Gonçalves, meu orientador da pesquisa PIBITI que realizei de 2023 à 2024, e Bruno Jareta de Oliveira, com quem pude perceber a beleza da área da Direção de Arte e pude contar com uma orientação cuidadosa ao longo de toda a realização deste trabalho de conclusão de curso.

Deixo um agradecimento mais que especial à Luiz, Álvaro e João, apresentadores do podcast *Esqueletos no Armário*. A curadoria cinematográfica impecável e o bom humor dos meninos em cada um dos episódios foi essencial para mim durante os anos difíceis da pandemia. Além disso, o programa teve grande importância no meu processo de aceitação como pessoa LGBTQIAPN+ e fortaleceu minha paixão pelo cinema de gênero, especialmente o terror.

Agradeço às irmãs Wachowski por sua obra cinematográfica de valor emocional imensurável para mim. Sempre que me sinto perdido ou desmotivado diante da vida, os filmes delas me colocam de volta aos eixos. Rever filmes como *Speed Racer* ou o primeiro *Matrix* me faz conhecer um pouco mais de mim mesmo e do que eu posso vir a ser. Entro em contato com a beleza do mundo e percebo que também sou capaz de fazer coisas belas. Se estou vivo hoje, também é graças às Wachowski.

Por fim, agradeço à Letícia por ter me convidado para participar de um projeto tão lindo, intenso e sensível. Foi com ela que realizei o sonho de fazer um filme de terror no Brasil.

AGRADECIMENTOS, *por Leticia*

Agradeço primeiro Ana Flávia Alves dos Santos, mamãe. Que privilégio é poder ter sido uma garotinha estranha que sabia que podia contar com teu apoio, mesmo que você não pudesse sempre me entender. Se aqui cheguei, foi por ter você me guiando, e hoje acredito que poderia conquistar o mundo se depois pudesse voltar para casa. Finalmente estou voltando.

Agradeço minha família, meus tios Alessandro e Celi, que também ofereceram suporte para que eu pudesse seguir essa aventura da universidade. Espero que sintam orgulho da pessoa que me tornei nesse processo. À minha avó, Vera, que jamais me deixou esquecer que sou amada, e que assim sendo força alguma no Universo deveria me parar. Ao meu irmão, Luiz Gustavo, e minha gatinha, Athena, em quem pensava quando precisava de incentivo para continuar.

Às amigas de São Paulo, Lelê e Rosa. Sempre pude me encontrar em vocês, mas os anos foram difíceis e os céus sabem que eu também. Ainda assim, vocês me acompanham, inclusive neste trabalho, e eu sou grata. Sabem quem sou e o que isto significa para mim. Que lindo é ter vocês comigo. À Grima, de Bauru para São Paulo e espero que pela vida, por sua alma semelhante, por sua inspiração e por me dar a certeza de que ficaria tudo bem.

Às amigas encontradas nesta universidade, Joana e Luane. Em algum momento, decidimos passar por essa fase juntas, e sou feliz pela companhia de vocês, por me aturarem em tantos rompantes de emoção. Como se não bastasse, ofereceram suas habilidades neste projeto, abraçando-o. Muito obrigada.

À Kolfur, minha Criatura, que me segurou em tantos momentos nos últimos meses. Que prazer é ter tua presença e criar arte com você, que bonito é poder ter essa confiança em alguém. À Aviyra, por ter me inspirado em sua simples existência, e ainda ter aceitado participar desta pequena insanidade. Isto aqui não existiria sem vocês e presente algum que eu possa comprar compensa o favor de vocês comigo. Obrigada a cada uma das meninas, Mari, Lírío e Cat, por terem vivido nesse mundo criado.

Por fim, agradeço à Unesp, à FAAC e até a esta cidade que eu nunca aprendi a amar, mas aprendi a viver. Agradeço a cada servidor e professor que ofereceu seus conhecimentos durante a graduação, em especial Bruno Jareta, duplamente meu orientador. Agradeço Caio, que aceitou construir comigo este trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo narrar a concepção e produção de uma obra audiovisual que elege como tema enxergar o gênero do terror como potência erótica e subversiva, a partir do protagonismo de corpos femininos. Esse mote é desenvolvido na iniciação científica “Terror, Erotismo e Corpos Femininos”, de Letícia dos Santos de Araujo, uma das autoras deste TCC. O documento aqui concebido contém elaborações teóricas e artísticas, a jornada completa da criação e relatos do desenvolvimento coletivo do audiovisual. *Quero ouvir teus doces suspiros* é um curta-metragem *slasher*, com as figuras do assassino e da *final girl* bem representadas em seus papéis, mas também é um conto sobre amizade e paixão feminina, desejo brutal, garotas também serem capazes de violência, perda metafórica de virgindade e medo e prazer como dualidade. Para construir a conjuntura necessária para a obra, foi realizada uma pesquisa fílmica de temas semelhantes e um estado da arte do gênero, tratando do terror no mundo e no Brasil e o destaque de meninas e suas vísceras.

Palavras-chave: Curta-metragem; Terror; Erotismo; Corpo Feminino; *Slasher*; *Final Girl*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Carrie e sua mãe	18
Figura 2 – Suzy, protagonista de “Suspiria”	19
Figura 3 – Billy e Stu, os <i>killers</i> em “Pânico”	20
Figura 4 – Jennifer após passar por sua transformação em “Garota Infernal”	21
Figura 5 – A protagonista de “Mate-me Por Favor”, Bia, se aproximando da morte	23
Figura 6 – Tess abre a porta para o porão em “Noites Brutais”	24
Figura 7 – A <i>Antler Queen</i> de Yellowjackets	25
Figura 8 – Uma fotografia de Beta e Liz em “A Vida Pela Frente”	26
Figura 9 – <i>Moodboard</i> da Criatura	34
Figura 10 – As máscaras da Criatura	35
Figura 11 – <i>Moodboard</i> de Eva	36
Figura 12 – <i>Moodboard</i> de Domi	36
Figura 13 – <i>Moodboard</i> de Pérola	37
Figura 14 – <i>Moodboard</i> de Alice	37
Figura 15 – <i>Moodboard</i> do quarto	38
Figura 16 – <i>Moodboard</i> do covil	38
Figura 17 – Eva em “as fotos”, sem tratamento de cor	39
Figura 18 – Marina, Julia, Thamy e Letícia em gravação da cena 13	45
Figura 19 – Catarina e as meninas na gravação	46
Figura 20 – Lucas, Gabriel e Julia no set do 3º dia	47
Figura 21 – Esquema de luz do covil, passado a limpo	50
Figura 22 – Equipe e elenco do último dia de gravação	51
Figura 23 – Estudo visual para cores do curta	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 Estado da Arte	16
3. REFERENCIAL ESTÉTICO	18
3.1 Carrie, a Estranha	18
3.2 Suspiria	19
3.3 Pânico	20
3.4 Garota Infernal	21
3.5 Mate-me Por Favor	23
3.6 Noites Brutais	24
3.7 Yellowjackets	25
3.8 A Vida Pela Frente	26
4. ROTEIRO	27
4.1 Concepção da Ideia	27
4.2 Argumento	28
4.3 O Roteiro	31
5. PRÉ-PRODUÇÃO	33
5.1 Equipe	33
5.2 Arte	34
5.3 Fotografia	39
5.4 Trilha Sonora	40
5.5 Casting	40
5.6 Investimentos	42
6. GRAVAÇÕES	43
6.1 Organização	43
6.2 Equipamentos	43
6.3 Diária 1 (20/09) - Cenas 2, 5, 10 e 13	44
6.4 Diária 2 (21/9) - Cenas 1, 5, 6, 9 e 11	45
6.5 Diária 3 (28/9) - Cenas 3, 4, 5, 8 e 11	46
6.6 Diária 4 (29/9) - Cena 7 e regravação da 11	48
6.7 Diária 5 (1/10) - Cena 12	49
7. PÓS-PRODUÇÃO	52
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
10. ANEXOS	55
Anexo 1: Roteiro completo	56
Anexo 2: Ficha de personagens	77
Anexo 3: Decupagem de foto	81

“Não cortaremos os pulsos, ao contrário, costuraremos com linha dupla todas as feridas abertas.”

LYGIA FAGUNDES TELLES, em *A Disciplina do Amor*

1. INTRODUÇÃO

Quero Ouvir Teus Doces Suspiros acompanha Eva e seu grupo de amigas, Domi, Pérola e Alice, todas garotas ainda em transição para a maturidade. No primeiro ato do curta, elas são apresentadas em trechos de vídeos-diário gravados pela câmera de Alice; Suas confissões são ouvidas enquanto andam de bicicleta, passeiam por trilhos do trem e bebem e fumam no quarto de alguma delas. Elas contam de pequenos momentos de maldade com outras pessoas, flertes com ou sem nenhuma intenção de serem cumpridos, fantasias sexuais perversas e até beijos e declarações de amor umas às outras. É ritualístico, ao mesmo tempo que muito casual. Crescidas no interior paulista, não parecem acreditar que nada verdadeiramente ruim pode acontecer com elas, e nada é mais ameaçador que o tédio opressor ou a possibilidade de se verem sozinhas. Eva, porém, é sempre a mais inquieta. Não compra o próprio cigarro, bebe só da bebida das outras, foge de uma culpa religiosa enquanto é atormentada pelos próprios desejos, sem jamais efetuar-los em plenitude. Encontra nas garotas, muito diferentes entre si, algo que a completa: Alice, com a vivacidade de quem não tem medo de prazer; Pérola, que provoca e gosta de atenção; e Domi, sua maior confidente, que exala calma e proteção para todas elas. Na segundo ato, por outras lentes, já em uma gravação não diegética, uma figura ameaçadora se impõe na tela, um vulto que as acompanha em cada um dos seus refúgios, pronto para pegar uma a uma. Mas elas o percebem, em cantos e fundos de gravações, e o medo não é nada mais que uma excitação. No último ato, Eva, sozinha, caça de volta, como se por um impulso de sua própria natureza. O que se desenrola é um conto de violência feminina, violência do desejo, e uma aceitação em se ver capaz disso.

A concepção da ideia deste curta-metragem tem suas bases na iniciação científica “Terror, erotismo e corpos femininos: a resignificação da *final girl* no filme “Garota Infernal””, trabalho realizado por Letícia, umas das autoras deste projeto. É essa pesquisa que evidência os temas abordados no curta, utilizando da linguagem do gênero *slasher* e buscando ainda criar uma nova, construindo a *final girl* para além da vítima e da garota deslocada.

Dessa forma, havia já uma bibliografia montada para referência, pronta para ser utilizada na elaboração teórica deste trabalho. Ainda buscou-se um histórico do gênero cinematográfico do terror, elegendo os referenciais estéticos e temáticos em filmes nacionais e internacionais. Com isso, foi traçado o caminho para a produção do “Quero Ouvir Teus Doces Suspiros”.

Sobre o gênero cinematográfico do terror, utiliza-se do subgênero *slasher*, muito referenciado na cultura popular, que acompanha um assassino, geralmente um humano

desprovido de humanidade e transformado em uma “coisa”, fazendo vítimas uma a uma em mortes violentas, e com uma vítima final, geralmente uma garota (*final girl*) capaz de sobreviver. Entende-se que existe no gênero e no subgênero uma linguagem muito reconhecível, com um possível subtexto erótico de potencial subversivo e um uso visceral do corpo feminino. A construção do imaginário gerado pela imagem do olhar fílmico do gênero de terror pode e deve ser encarada com profundidade e busca de sentido, compreendendo as nuances da linguagem audiovisual. Mesmo que toda decisão narrativa e estética presente numa obra audiovisual tenha sido feita propositalmente por uma pessoa ou um grupo de pessoas, entende-se em pesquisa que muitos criadores não fazem essas decisões pensando em uma dedicada pesquisa imagética, sujeitos ao imaginário social e suas problemáticas, gerando uma linguagem que é reproduzida e reconhecida, mas não necessariamente questionada. Esse papel resta então a quem se voluntaria para debruçar sobre esse campo. Dessa forma, é possível melhor aproveitamento do processo da construção de obras e da simbologia do corpo feminino. Com a própria linguagem cinematográfica, tão múltipla em suas possibilidades narrativas, pode-se produzir essas imagens em novas lentes, em uma produção íntima e particular, e um curta, com seu caráter experimental, serve a esse propósito. “A alternativa é a emoção de deixar o passado para trás sem simplesmente rejeitá-lo, transcendendo formas ultrapassadas ou opressivas e ousando romper com as expectativas normais de prazer para conceber uma nova linguagem do desejo” (Mulvey, 1989, p.16). Assim sendo, se busca compreender a linguagem e utilizar-se de referências para criar algo novo e muito intencional em sua representação de um desejo que não cumpre o que espera a norma vigente, e sim estabelece nova subversão.

Quanto à produção local do gênero, ao longo da última década houve um crescimento notável na produção de filmes de terror brasileiros. Realizadores como Rodrigo Aragão (*A Mata Negra*), Gabriela Amaral Almeida (*O Animal Cordial*), Anita Rocha da Silveira (*Mate-me Por Favor*) e a dupla formada por Juliana Rojas e Marco Dutra (*Trabalhar Cansa*) se destacaram dentro e fora do país. Com isso, é possível concluir que existe público para o cinema de terror ambientado em território nacional, mesmo sendo um gênero nichado.

Porém, mesmo com esse aparente crescimento, nota-se uma lacuna quando se trata do cinema de terror sob uma perspectiva LGBTQIAPN+. Alguns filmes, como *Verão Fantasma*, dirigido pelo paulistano Matheus Marchetti, e *A Herança*, dirigido por João Cândido Zacharias, obtiveram destaque no campo do terror queer, mas ainda é uma porcentagem pequena se comparada com a produção cinematográfica realizada no Brasil. Assim, a produção de um curta-metragem de terror slasher sob uma ótica LGBTQIAPN+

feminina é importante pois explora um terreno pouco visto e pouco comentado dentro do cinema brasileiro.

Além de tudo, dar vida ao *slasher*, subgênero do terror comumente associado aos Estados Unidos, para o contexto do interior paulista brasileiro é uma manifestação relevante, já que mudanças terão que ser feitas para que esse tipo de narrativa se adeque à cultura brasileira. Ademais, a produção de um curta-metragem *slasher* por si só serve para contribuir dentro de um subgênero que possui pouquíssimos exemplos dentro do cinema brasileiro.

O erótico completa esse lugar de subversão, principalmente quando retirado de seus moldes tradicionais e acompanhando uma sexualidade de igual característica. Compreende-se finalmente que a juventude feminina e LGBTQIA+ tem o direito de produzir sua própria experiência, com suas complexidades e ideais, almejando um resultado que possa se dizer feminista e provocativo. O gênero do terror abre as portas de seu universo para novas experiências, um novo monstro e uma nova *final girl*, e se faz necessário aproveitar e aprofundar esse vinco.

Dentre os objetivos gerais, este trabalho busca passar pela experiência da elaboração e produção de um curta-metragem, desenvolvendo um universo imaginativo próprio e compreendendo as nuances presentes no gênero do terror, gerando algo de originalidade e experimentalidade notórias, sem que se ignore as raízes que originaram a obra.

Como objetivos específicos, empenha-se para que o público feminino e LGBTQIA+, enquanto elementos subversivos, possam identificar-se com o sentimento enquadrado pelo curta, para que ele também possa ser considerado parte de uma cultura de subversão, e que seja referência futura nesse tema. Também se busca oferecer uma experiência coletiva do assistir terror.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste trabalho é retirado da iniciação científica “Terror, erotismo e corpos femininos: a ressignificação da *final girl* no filme “Garota Infernal””, que busca fazer uma análise e reflexão sobre a representação feminina e do desejo em filmes de terror. Entende-se que o gênero terror ocupa um notável papel na história do audiovisual ficcional, emergindo desde os primeiros anos do cinema como herdeiro de outras mídias, como a literatura e a tradição oral, e consolidou-se como um dos mais expressivos na cultura popular. Ele sempre funcionou como um espelho das inquietações humanas, abordando medos coletivos, angústias sociais e dilemas psicológicos, existindo num lugar de convergência de ameaça e catarse (Baker, 2022). A tela cria uma potência sobre o público,

guiando com o olhar fílmico da câmera, entre transparência e opacidade. Além de provocar sensações de pavor e suspense, esse gênero dialoga com questões profundas da sociedade, explorando imaginários culturais e reforçando determinadas expectativas sobre suas representações.

Sua estrutura narrativa consolidou-se ao longo do tempo por meio de convenções e padrões reconhecíveis, resultando na formação de clichês e sequências recorrentes. Em grande parte, essas convenções refletem a predominância masculina na produção audiovisual, o que impacta diretamente a construção das personagens femininas. Para alcançar a catarse, a purificação pelo sofrimento, o corpo humano é alvo de violência, mutilado e coberto de sangue, evocando e perpetuando um sombrio prazer, produzindo significado e reação física e psicológica. Esse corpo, que grita e se contorce, costuma ser o corpo feminino, o que adiciona mais uma camada de sentido.

A construção dessa vulnerabilidade feminina na tela costuma perpetuar lógicas sexistas específicas. Analisando especificamente o subgênero *slasher*, onde vítimas são assassinadas uma a uma, surge o arquétipo da *final girl*, termo cunhado pela professora de cinema Carol J. Clover e elaborado em seu livro “Men, Women, and Chainsaws” (1992), se referindo à vítima final, a sobrevivente, o objeto principal de tortura submisso ao assassino; é geralmente uma jovem garota adolescente, que é capaz de continuar viva apesar do trauma sofrido. Isso facilmente pode ser interpretado como uma figura psicosssexual para empatia voyeruística do público, uma situação sadomasoquista entre a câmera, o assassino e o corpo feminino, vista como feminista, antifeminista ou nenhum dos dois. Arlindo Machado trata da janela do voyeur na semiótica cinematográfica, que se faz óbvia ao analisar o gênero do terror, muitas vezes metalinguístico e consciente da própria câmera. Nessa instância, não é absurdo encontrar o fio que leva ao erotismo, para o ecrã e para a audiência. É claro que existe nisso um imaginário com inerente misoginia, mas também um potencial intrínseco para o triunfo feminino na representação da carne e da brutalidade.

Analisando o filme *slasher*, um jogo de caça se projeta no ecrã, a câmera persegue o sofrimento da protagonista, a *final girl*. Seu gênero é dado pela personagem criada, a vítima. O assassino, a criatura que a ameaça, embora num primeiro olhar vista como masculina em seu físico que cobre o da personagem feminina, é também uma criatura castrada cujo desejo reprimido se vira para violenta expressão com auxílio de uma arma muitas vezes fálica, penetrando na vivência e manchando-a. A garota, que não é permitida de ser garota como as outras vítimas do filme, possui algo diferente em seu ser (Clover, 1987). Ela também penetra na existência do assassino, neste “lugar terrível”, uma cidade pequena,

uma floresta com cabana, um acampamento afastado, um covil por si só. Mas ela também grita (*scream queen*), se contorce, seu coração bate mais forte, sua respiração é pesada, ela tem suas roupas rasgadas e é coberta de fluidos humanos, em reações também monstruosas. As outras, as assassinadas em tela, possuem uma morte de muita preocupação estética e grandes performances que beiram ao orgasmo, na liberação de tensão do momento. Embora a câmera persiga e defina o olhar, o espectador não está condenado ao prazer do assassino, mas também compartilha da agonia e sofrimento da vítima, criando uma reação de sentimentos complexa e que atinge o físico. O público compartilha das mesmas reações colocadas na tela.

Essa relação de sensações não foi ignorada em anos de estudo, mas não há hábito de encará-la como erótica, como fonte ativa de desejo. São metáforas pouco intencionais, imagens reconhecidas, e o efeito no público não é relevante para além do que se quer que ele veja. Mas o erótico também está nessa relação com o público e nessa relação de gênero; Despir o cinema de fato também é um poder dominante, que recusa o chamado estranho (Mulvey, 1989). E se por décadas essa imagem do corpo feminina foi compreendida como simplesmente misógina ou algo indigno de pensamento de gênero aprofundado devido à natureza do terror, é necessário adentrar o campo da estranheza para que seja plenamente descoberta. A sexualidade considerada pouco convencional é aquela que encontra no medo espaço para manifestação. O corpo feminino, utilizado para brutalização e provocação, é onde reside o poder para manifestação dessa sexualidade e potência de inversões de opressões. O que Stephen Prince diz em *The Horror Film* (2004) e Carroll menciona em *A filosofia do horror ou paradoxos do coração* (1999) é que o monstro, o assassino, o sobrenatural no terror representam sempre uma disrupção violenta da ordem vigente, assim fornecendo transformações que não podem sempre serem alcançadas do outro lado da tela. O corpo feminino também pode compartilhar dessa disrupção. Barbara Creed, em *The Monstrous-Feminine: Film, Feminism, Psychoanalysis*, (1993), busca inversões a partir da psicanálise. O corpo feminino, no terror e olhando para além do *slasher*, também é visto como monstruoso, com poder de castração e tendência para o sobrenatural, pois são as herdeiras de Eva. O mito da vagina dentada, de ser castrado e consumido durante o ato sexual, é reconhecido no livro como bem estabelecido no imaginário popular. O desejo sexual feminino não só é uma inversão de poder, como uma inversão violenta.

O interesse *queer* pelo terror e seus temas é histórico. Está presente em clássicos literários como *O Retrato de Dorian Gray* (Oscar Wilde, 1880), *Drácula* (Bram Stoker, 1897) e *Frankenstein* (Mary Shelley, 1818). É reconhecido em filmes como *O Exorcista* (William Friedkin, 1974) e *Pânico* (Wes Craven, 1996). E cada vez mais, é construído de

forma intencional e clara, como em *Garota Infernal* (Karyn Kusama, 2009). O monstro, o assassino, o sobrenatural, são disruptões violentas da ordem, numa constante metamorfose da carne e do desejo. O terror e o choque que ele causa, seu erotismo estranho e monstruoso, tem grande potencial disruptivo e apela para um público subversivo. É possível construir uma nova linguagem do desejo. É preciso utilizar dessa potência em intuito. O corpo feminino protagonista pode invocar um prazer também feminino, que é subjugado e ignorado no fazer do audiovisual (Mulvey, 1989). Também é possível que ele brutalize e se regozije com isso.

A partir das reflexões levantadas, surge o interesse de criar algo, construir uma obra que converse diretamente com essas ansiedades. *Quero Ouvir Teus Doces Suspiros* se sustenta nesses tópicos levantados, questionando a *final girl* virginal, a brutalização orgástica do corpo feminino, a penetração na carne, o que é a figura do assassino, e buscando oferecer essa nova perspectiva de desejo e prazer.

2.1 Estado da Arte

Como dito, o horror é natural da imaginação humana e seu hábito de contar histórias, perpassando diversas mídias. Sua origem na tradição oral, com contos que seguem por gerações, se faz presente até os dias de hoje, nas ditas “lendas urbanas” e revela um sentimento coletivo, um compartilhar das emoções que se arrastam por baixo da pele.

Na literatura contemporânea, o terror é um gênero frequente e memorável, com um apelo da estética que depois seria desenvolvida nas telas. Edgar Allan Poe, no século XIX, escreveu contos e poesias que seguem influenciando novas histórias, com seu ar de romance esotérico e gótico que. A criatura de Mary Shelley em *Frankenstein* (1818), fruto de suas ansiedades com o relacionamento com o pai e com o marido, foi adaptada para o cinema ainda em 1910, num curta de cinema mudo dirigido por J. Searle Dawley, sendo essa a primeira de muitas, como a de 1931, de James Whale, que criou o visual clássico do monstro, e a recém lançada em 2025 pelo diretor Guillermo del Toro. *Drácula* (1897), de Bram Stoker, entre outros vampiros literários relacionados à perturbadora sexualidade feminina, deu origem ao *Nosferatu* (1922) do expressionismo alemão, e mais outras duas versões, em 1979 e 2024, além das adaptações diretas como *Drácula de Bram Stoker* (1992), de Francis Ford Coppola. Mais recentemente, no século XX, Shirley Jackson, considerada rainha no gênero, escreveu romances como *A Assombração da Casa na Colina* e *Sempre Vivemos No Castelo*, que foram adaptadas por Mike Flanagan para a série televisiva *A Maldição da Residência Hill* (2018), lembrados pelo retrato do afeto humano como assombração. O escritor estadunidense Stephen

King é autor de mais de 60 romances, muitos adaptados para um sem-número de obras; Entre elas, *Carrie* (1974), com 3 longas de adaptação, retratando uma garota e seus conflitos religiosos, sua relação com a mãe, desabrochar sexual e poderes sobrenaturais.

O cinema, como visto, é rápido para adaptar e criar dentro do gênero do terror, desde os filmes mudos até o século atual. Nele, surge o gênero *slasher*, com os já introduzidos assassino e sua *final girl*, a heroína-vítima que sobrevive no fim do filme após passar por diversas formas de sofrimento (Clover, 1992).

Com raízes em *Psicose*, de Alfred Hitchcock, o *slasher* é um gênero amplamente criticado por seu tratamento apelativo ao exibir o corpo e sofrimento femininos. Além disso, não são raras as vezes que os filmes do gênero assumem uma posição moralista ao punir personagens livres quanto à própria sexualidade, como no caso de *Halloween* (1978), dirigido por John Carpenter. Nos filmes *O Massacre da Serra Elétrica I e II* (1974 e 1986), a brutalidade familiar recai sobre a formação do contexto do próprio assassino, a tensão psicosssexual sublinhada pela escolha da arma, enquanto persegue um grupo de jovens. Nesse contexto, o filme *Slumber Party Massacre* (1982), dirigido por Amy Holden Jones, acaba se destacando ao trazer o *slasher* sob uma ótica feminista e subversiva, com protagonismo feminino em frente às câmeras e na direção, um feito incomum para a época.

Mais recente, outro exemplo de protagonismo feminino no terror se encontra no longa-metragem *Morte Morte Morte* (2022), dirigido por Halina Reijn. O filme utiliza elementos do *slasher* e das histórias de mistério para construir uma comédia de terror por uma perspectiva feminina e LGBTQIA+, focada na geração Z e em seus dilemas.

No contexto brasileiro, é impossível se falar de terror sem a marca de “Zé do Caixão”, personagem multimídia e encarnado por José Mojica Marins. Filmes como *A Meia-Noite Levarei Sua Alma* (1964) e *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver* (1967) estabelecem a subversividade e sexualidade que marca o gênero, atrelando com o Cinema Marginal. O caráter independente também é destacável nas produções locais. A estética também vai ser vista em telenovelas como *Vamp* (1991) e *O Beijo Do Vampiro* (2002).

Quanto ao subgênero específico do *slasher*, o longa-metragem *Shock! - Diversão Diabólica* (1984) é considerado o primeiro exemplar do tipo produzido no país. Dirigido e roteirizado por Jair Correia, o filme traz elementos característicos do *slasher*, como o assassino psicopata misterioso (aqui representado por seus coturnos brilhantes) e a garota sobrevivente (ou *final girl*). Entretanto, *Shock!* traz variações à fórmula presente no subgênero (Cánepa, 2015), colocando uma personagem virgem que não é poupada pelo assassino e uma *final girl* que não enfrenta o antagonista em momento algum.

Recentemente, no cinema independente brasileiro, o já citado cineasta Matheus Marchetti fez filmes como *Bosque dos Sonâmbulos* (2017) e *Verão Fantasma* (2022), expandindo o campo do terror queer, assim como *A Herança* (2024), de João Cândido Zacharias. O gênero segue crescendo no Brasil e no mundo.

3. REFERENCIAL ESTÉTICO

Quero Ouvir Teus Doces Suspiros é inspirado por diversos títulos nacionais e internacionais, do terror ou não, unidos por algumas temáticas e elementos visuais específicos. *Slashers* e suas perseguições, representações sobrenaturais, câmeras diegéticas, fotografias marcantes e, claro, garotas com sentimentos à flor da pele e impulsos que as empurram para a violência. Como se faz entender no tópico anterior, é impossível tentar criar algo sem ser guiado pelo que já foi feito, aqui dentro desse histórico do gênero. Porém, há obras que foram particularmente importantes para a construção deste curta, e sua influência merece ser detalhada.

3.1 Carrie, a Estranha

Figura 1 - Carrie e sua mãe



Fonte: IMDb

O primeiro filme de *Carrie, a Estranha* foi dirigido por Brian de Palma, em 1976, tornando-se a adaptação audiovisual inaugural das inúmeras que surgiriam a partir do trabalho de Stephen King. Acompanha a história de Carrie White, uma garota adolescente

tímida e com pouca experiência social, muitas vezes ostracizada pelos colegas da escola. Sua mãe a cria de forma abusiva, guiada por valores religiosos cristãos fanáticos. O ponto de início do filme é a menarca de Carrie, quando ela entra em pânico sem entender o que está acontecendo, já que sua mãe considera aquilo “fruto do pecado original” e nunca lhe falou sobre. As outras garotas são cruéis com ela, mas uma se compadece e procura se aproximar de Carrie. A amizade faz com que a protagonista procure experienciar mais coisas e enfrentar a própria mãe, desenvolvendo poderes psíquicos engatilhados por suas emoções. Após a mãe tentar impedi-la de ir para o baile de fim de ano, ela a mata através desses poderes. No baile, quando é coberta de sangue em um ato cruel de seus colegas de escola, ela acaba por matar todos eles, exceto sua amiga.

A obra foi, já na época de sua estreia, um sucesso de público e crítica. Os temas de adolescência feminina, descoberta, culpa e rebeldia contra a própria criação são frequentemente repetidos, inclusive em outros dois filmes (*Carrie*, de David Carson, 2002; e *Carrie*, de Kimberly Pierce, 2013) e uma minissérie do diretor Mike Flanagan prevista para 2026. O diretor, Brian de Palma, é conhecido por se utilizar desses tópicos e de um voyeurismo que remete a Hitchcock, visível na forma como grava os corpos das garotas presentes em *Carrie*. Essa marca do filme obviamente rendeu críticas, mas também é muito lembrada; e a fotografia dessa versão se destaca entre as outras. Ela, inclusive, oferece um referencial para este projeto, junto com o contraste entre pureza e crueldade e a inerente violência de se crescer uma garota.

3.2 Suspiria

Figura 2 - Suzy, protagonista de “Suspiria”



Fonte: IMDb

Suspiria é um terror italiano de 1977 dirigido por Dario Argento. É muito lembrado na sua representação de figuras femininas, dançando em uma loucura crescente num clima etéreo. A penetração da faca em uma constante, eternizada na mão da protagonista. Luzes coloridas e sangue brilhante criam essa atmosfera mágica e cruel.

Dario Argento é conhecido como o mestre do terror italiano, *Suspiria* sendo o primeiro filme da sua “Trilogia das Mães”, junto a *Inferno* (1980) e *O Retorno da Maldição - A Mãe das Lágrimas* (2007), filmes unidos por uma temática amaldiçoada de bruxas ancestrais que procuram controlar o mundo ao seu redor, inspirada por “*Suspiria de Profundis*”, uma coleção de ensaios em formato de poemas em prosa escrita por Thomas de Quincey em 1845 e que seria uma análise do processo de memória sob influência de drogas alucinógenas. O resultado são visuais altamente memoráveis e reconhecíveis, capazes de espelhar a temática buscada com precisão. Esse visual e atmosfera, entre a iluminação e a trilha sonora, inspiram o trabalho aqui apresentado.

3.3 Pânico

Figura 3 - Billy e Stu, os *killers* em “Pânico”



Fonte: IMDb

Pânico, dirigido por Wes Craven e lançado em 1996, é o que se chama de uma carta de amor ao gênero. Fortemente inspirado por outros filmes *slasher*, sua trama acompanha uma série de assassinatos na cidadezinha de Woodsboro, que parecem perseguir a estudante do ensino médio Sidney Prescott. Ao final, o assassino, apelidado nas telas e fora delas como “Ghostface”, é revelado como Billy, namorado de Sidney, e Stu, amigo de ambos. Eles brincam durante o momento da revelação, em um clima de cumplicidade homoerótica, dizendo que foram incitados por verem filmes de terror demais, somente para Billy expor que suas motivações estavam relacionadas à mãe de Sidney, que ele também

matou e estuprou, e ao abandono de sua própria mãe.

“Ghostface” não é essa figura robusta e rija, quase despida de humanidade, tal Michael Myers, Jason e Leatherface, das franquias “Halloween”, “Sexta-Feira 13” e “O Massacre da Serra Elétrica”, mas sim uma pessoa coberta por uma fantasia comprada em loja, com um físico que constantemente apanha de suas vítimas. Billy e Stu são constantemente lembrados por seu charme e personalidade, com fãs tentando apontar qual dos dois causou cada morte e quais seriam os hábitos que denunciam isso (Billy costuma ser associado às mortes que envolvem tentativas de enforcamento e algum tipo de *knifeplay*, e Stu com as mortes mais caóticas e com facadas múltiplas). Os outros assassinos da franquia sempre precisam tentar estar à altura.

O filme é bem humorado e propositalmente satiriza clichês do gênero, criando uma espécie de metalinguagem, com perguntas sobre filmes de terror e um personagem obcecado enumerando em voz alta as coisas que fazem as pessoas morrerem nesses filmes. Na lista, fazer sexo, o que é dito enquanto Sidney tem sua primeira vez com Billy, que zomba disso ao ameaçar matá-la. Ela então precisa se colocar ao mesmo nível de violência que ele, a *final girl*, a vítima final, matando em retaliação. Ela não é a única sobrevivente do filme, mas é quem cumpre esse papel.

Sendo *Pânico* considerado um modelo do gênero *slasher* de seu lançamento em diante, também influencia *Quero Ouvir Teus Doces Suspiros*, com seu humor, sua coreografia de lutas, a *final girl* imperfeita e revoltada, e nos seus assassinos vulneráveis e até charmosos. A metalinguagem presente também é referência.

3.4 Garota Infernal

Figura 4 - Jennifer após passar por sua transformação em “Garota Infernal”



Fonte: IMDb

Garota Infernal é um filme de terror, mas também comédia adolescente, escrito por Diablo Cody e dirigido por Karyn Kusama e lançado em 2009. Tanto a diretora quanto a roteirista trabalharam em outras obras de terror. Esse é o, já citado, objeto de análise da IC “Terror, erotismo e corpos femininos: a ressignificação da *final girl* no filme “Garota Infernal””, base essencial deste TCC.

Como dito na IC, o filme conta a história de Jennifer e Needy, duas melhores amigas de ensino médio que têm sua relação complicada após Jennifer se tornar uma criatura que mata garotos para se alimentar de seu sangue e desespero. Essa transformação ocorre quando, em um momento vulnerável de uma tragédia coletiva, um grupo de rapazes a atrai para um ritual satânico, esfaqueando e sacrificando a garota por acreditar que ela é virgem. Como ela não é, ela volta da morte. Essas cenas denotam a linguagem de um abuso sexual. Nesta situação, Jennifer ocupa tanto o papel de vítima quanto de Monstro, traumatizada e com novos poderes. Poderes esses sobrenaturais, relacionados ao oculto, à ideia de demônios, à figura da vagina dentada. Ela atrai garotos, mata-os com seus dentes, regozija-se na agonia deles, está em uma constante metamorfose violenta da carne e seu poder. Needy é a neste caso *final girl*, embora não exatamente uma vítima direta, mas é quem tem que arcar com as consequências dos assassinatos de Jennifer e combatê-la diretamente.

A direção e escrita femininas deste terror cômico certamente fazem a diferença para a obra, que não foi compreendida propriamente na época do lançamento, tanto por público quanto por crítica. O marketing do filme focou em vender a figura sexualizada de Megan Fox, atriz de Jennifer, de uma forma que não existe dentro do filme, buscando um público de garotos jovens. Considerado na época nem divertido o suficiente, nem aterrorizante o suficiente, nem sensual o suficiente, nos últimos anos ganha um status de clássico cult. Jennifer e Needy tem uma amizade baseada em provocação, dependência e, nesse ponto da vida, subtexto homoerótico, manifestado de forma evidente na tela, desde Needy sendo chamada de lésbica ao descrever Jennifer até as duas se beijarem (Jennifer nessa cena usando uma blusa de Needy com estampa do filme *Uma Noite Alucinante: A Morte do Demônio*, um clássico do terror dirigido por Sam Reid lançado em 1981, onde uma possessão demoníaca ocorre através de penetração vaginal literal). O filme é hoje reconhecido em seu retrato de um desejo que se permite ser erótico e estranho e monstruoso, de forma a reafirmar seus temas e conversar com um público bem específico.

Garota Infernal dita a primeira nota da melodia que *Quero Ouvir Teus Doces Suspiros* busca compor. Entre metáforas visuais e um erotismo no ato de matar violentamente, com relações de amizades femininas complexas e subversões de papéis, um

humor único e a permissão para ser peculiar, o filme é um marco muito especial.

3.5 Mate-me Por Favor

Figura 5 - A protagonista de “Mate-me Por Favor”, Bia, se aproximando da morte



Fonte: IMDb

Mate-me Por Favor é um filme de terror brasileiro de 2015. É a estreia em direção de Anita Rocha da Silveira, que também assina o roteiro. Foi celebrado no Festival de Cinema de Veneza e no Festival do Rio. Retrata um grupo de garotas adolescentes na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, região assolada por uma onda de assassinatos. As vítimas costumam ser mulheres. Esse grupo de amigas, que se encontram nas frestas de espaços sociais desconfortáveis, como a escola e cultos evangélicos, fica fascinado com essas mortes, cuja fantasia mórbida altera o tédio de suas rotinas. Nenhum adulto é visto em cena, apenas citado, entidades pouco significantes nesse mundo criado. Bia, com seus 15 anos, é a protagonista dessa história, profundamente alterada ao se encontrar com o cadáver de uma garota assassinada.

A obra sucede em retratar a experiência de uma juventude feminina específica, uma classe média brasileira, um tédio angustiante em um mundo assombroso que parece distante. A perda de inocência nesse mundo se confunde com uma culpa religiosa, ao mesmo tempo que se anseia por isso. O horror do dia-a-dia parece inspirar um sopro de vida. A descoberta da maturidade, da sexualidade e do próprio corpo é violenta, cor vermelho sangue. Busca-se replicar de alguma forma esses elementos em *Quero Ouvir Teus Doces Suspiros*.

3.6 Noites Brutais

Figura 6 - Tess abre a porta para o porão em “Noites Brutais”



Fonte: IMDb

Noites Brutais, lançado em 2022, é o trabalho de estreia de direção e roteiro solo de Zach Cregger. Ao alugar um Airbnb em uma cidade estranha, Tess, protagonista do filme, acaba por encarar o terror de uma violência sistemática de gênero. Chegando na casa, um homem afirma ter alugado o mesmo lugar e pede para entrar. Apreensiva, ela permite, e eles dividem a casa por uma noite, se conhecendo e demonstrando afinidade um com o outro. Tess, porém, descobre que a região em que aquela casa está é considerada abandonada e perigosa, e que há um porão estranho na construção. Keith é morto ao investigar esse porão, e cabe à Tess descer por ele, penetrá-lo, e encarar o segredo que lá habita. Ela encontra fitas de vídeo gravadas pelo dono original da casa: um homem que sequestrou uma mulher, a manteve em cárcere privado, estuprou, a engravidou e fez o mesmo com a linhagem de filhas que teve, registrando tudo por prazer. O que habita aquele porão é o fruto desse ato, uma filha desgraçada e monstruosa, guiada apenas por sentimento maternal e impulso assassino. Velho e decrépito, assim Tess encontra o homem, e ele atira em si mesmo para acabar com a própria vida. Se junta a Tess o atual dono da casa, AJ, um ator famoso que se afasta de Hollywood após diversas acusações de estupro contra ele virem à tona. Tess sobrevive mesmo ignorada pela polícia e deixada para morrer por AJ, e tem que dar um triste fim à filha com a mesma arma do pai.

O uso metalinguístico do vídeo e a montagem desconexa entre tempo e personagens, junto às decisões do que mostrar e do que não mostrar para a audiência, criam um quadro único em *Noites Brutas*. A violência afeta mesmo sem ser colocada explícita em tela. O triunfo de Tess é trágico para ser catártico, ela tendo que ser violenta para combater o mundo cruel e se manter viva. Ela é consciente do que a cerca e se permite ser tão boa quanto o universo que está inserida deixa, e lamenta com alívio quando precisa abrir mão disso.

A reação à crueldade enquanto tenta-se agarrar a qualquer moral e o vídeo como registro são parte da esfera que constrói este trabalho.

3.7 Yellowjackets

Figura 7 - A *Antler Queen* de Yellowjackets



Fonte: IMDb

A série televisiva *Yellowjackets*, criada por Ashley Lyle e Bart Nickerson e com o nome de Karyn Kusama na direção, foi ao ar inicialmente em 2021 e já tem três temporadas, com a próxima prevista como a última. Pensada como uma espécie de “Senhor das Moscas” feminino, acompanha nos anos 90 garotas de um time de futebol do ensino médio, cujo avião para a final do campeonato cai em uma floresta afastada e aquelas que não morrem precisam sobreviver nesse ambiente, criando o que aparenta ser um culto canibal. Acompanha também, no tempo atual, algumas das mulheres que essas garotas (as que conseguiram retornar para a sociedade) se tornaram.

Yellowjackets é um retrato absurdo de garotas adolescentes, sua voracidade já existente muito antes daquele avião cair. Elas sabem disso, mesmo que não tenham intenção, o que é demonstrado quando se sabe que uma delas sabe atirar pois assim acabou causando a morte do pai, e outra decidiu machucar uma colega em um treino por não julgá-la boa o suficiente para ir para a final, quebrando sua perna. O afeto por uma amiga se confunde ao se relacionar com o namorado dela, traindo-a, e é necessário lidar com a obsessão e o luto quando essa amiga morre e ainda assim assombra. É necessário matar para comer, e há prazer em comer. É necessário matar por misericórdia e carregar o peso de viver. Existe amor entre elas, e também muito ressentimento. O culto que elas criam, guiadas por crenças religiosas e sobrenaturais que elas muitas vezes não sabem apontar se são ou não verdadeiras, elege dentre o grupo uma rainha, coroada por chifres, a representação da vontade da “Natureza”, e todas vestem retalhos do que podem encontrar. No presente, mulheres adultas tentam se convencer de que aprenderam a se comportar e não são mais aquilo que eram, mesmo que saibam que ainda carregam aquilo.

A construção de *Yellowjackets* é constantemente referenciada em *Quero Ouvir Teus Doces Suspiros*, entre garotas selvagens e visuais assustadores, com trilha sonora para dar arrepios. O absurdo também dá espaço para o fascínio.

3.8 A Vida Pela Frente

Figura 8 - Uma fotografia de Beta e Liz em “A Vida Pela Frente”



Fonte: Pinterest

A Vida Pela Frente é uma série limitada de 10 episódios, criada por Leandra Leal, Rita Toledo e Carol Benjamin, um lançamento original da plataforma Globoplay em 2023. É o único título desta lista que não é enquadrado como terror. Retrata o último ano escolar de uma turma de ensino médio em um colégio caro do Rio de Janeiro, em 1999, ao mesmo tempo que mostra as consequências do suicídio de uma garota dessa turma na noite da festa de formatura. Essa garota é Beta, que costumava ser o espírito e alegria de seus amigos, sempre com uma câmera na mão. Tinha uma relação intensa com seu amigo Cadé, que conhecia desde a infância. Eles acreditam saber de todos os segredos um do outro, se amam muito, demonstram desejo e Cadé fornece drogas para Beta, cheirando pó no banheiro da escola juntos como um ato de intimidade. Essa relação é alterada com a chegada de Liz na escola, uma garota estudiosa e muito “certinha”, criada pela mãe, que espera que a filha ande apenas nos passos que ela traçou para ela. Beta, Liz e Cadé desenvolvem uma paixão entre si, mas são afetados por ciúmes, traições e expectativas que não podem ser cumpridas. O suicídio de Beta ocorre quando ela sente que não pode se redimir com a garota que ama, e Liz só percebe a dimensão da própria paixão após a morte de Beta. É a relação delas que move a história, é o que permite Liz ser ela mesma, e ela garante que contará essa história e carregará o amor de Beta, de forma que ela sempre será viva de alguma forma.

Esse título encontra seu lugar aqui com história revelada em câmeras em primeira pessoa e paredes de fotos. Sabe-se que paixão de duas garotas é algo capaz de alterar a vida de ambas, mas primeiro elas precisam admitir isso para si mesmas. A morte é uma tragédia, mas não é o final, e o viver continua sendo o mais importante.

4. ROTEIRO

4.1 Concepção da Ideia

Durante a graduação, Letícia, que assina o roteiro de *Quero Ouvir Teus Doces Suspiros*, desenvolveu a iniciação científica “Terror, erotismo e corpos femininos: a resignificação da *final girl* no filme “Garota Infernal””. A ideia surgiu ainda no primeiro ano do curso, 2022, vinda de um desejo já existente de pesquisar sobre sexualidade e erotismo no audiovisual e elaborada após assistir a uma mostra amadora de terror e fantasia. Buscar por representação feminina dentro disso pareceu natural, observando os corpos mais afligidos na tela e buscando por uma luxúria feminina. A pesquisa, iniciada entre o 3º e o 4º período, se baseia fortemente no livro “Men, Women, and Chainsaws”, de Carol J. Clover, e a primeira parte do livro é muito dedicada a falar de *slasher*, com explicações por muitas vezes

psicanalíticas. O filme escolhido para análise, *Garota Infernal*, foi selecionado entre outros devido à natureza de suas personagens femininas, a subversão existente tanto em Jennifer quanto em Needy. Surge então, em anotações desconexas entre os textos para a iniciação científica, a ideia de levar isso para o Trabalho de Conclusão de Curso, com um curta que pudesse ser *slasher*, experimental, que possuísse uma *final girl* movida por violência própria e desejo e ainda tivesse outras personagens femininas para expressar esses sentimentos. Além de ser relacionado com gostos pessoais de Letícia, seria coerente com o projeto de pesquisa e outros trabalhos desenvolvidos durante o período de graduação. Isso inclui o videoclipe “Obsessed”, que retrata a paixão romântica como uma obsessão erótica e uma possessão espiritual, realizado no 6º semestre, cujo grupo incluía Caio Vinicius Machado. Caio também sempre demonstrou interesse por terror e obras subversivas, então a união logo foi formada. Assim, no início de 2025, foi elaborado um documento com os principais pontos narrativos para o *Quero Ouvir Teus Doces Suspiros*, nome recebido em um sonho e cuja estrutura faz jus com os títulos do terror brasileiro. São estabelecidos que há um grupo de meninas; que elas gravam vídeos-diário (um hábito observado em obras tidas como referência e em pessoas próximas) de forma quase ritualística; que elas são do interior paulista e isso vem acompanhado de um tédio; que elas são caçadas, mas isso as excita e elas podem caçar de volta; e os temas de medo e prazer como dois lados da mesma moeda. A anotação descritiva original da escritora diz:

“Garotas também caçam. Garotas também matam. E às vezes nem percebem quando o fazem, até ser tarde demais. Elas têm tesão ao se olhar no espelho, ao ver umas às outras, em saber que são desejadas. Elas também sentem desejo. Anseiam por coisas terríveis, flertam com a morte para se sentirem vivas.”

4.2 Argumento

A partir do primeiro documento, foi escrito entre março e abril um pré-argumento com tudo que deveria ocorrer dentro da narrativa do filme. É definido então que há um grupo de 4 amigas, todas em torno de seus 19 anos, adultas por lei mesmo que não na prática. Isso revisita *slashers* como filmes adolescentes, estabelece um grupo de amor e confiança entre garotas e as coloca em um momento de transição para maturidade, embora em teoria já tenham direito a ela. Muito é dito sobre a moral da protagonista, como nesta descrição anotada pela autora:

“Vítima-herói, deslocada, possui monstrosidade. Virginal, pois aparentemente aguarda ser corrompida, mas a ideia de uma virgem é uma coisa que não existe

materialmente, e sua inocência, mais como um pesadelo que um sonho, sangue na água, leite ao relento num dia quente, guarda algo mais sombrio e mais cruel. Não pode ser rompida na ponta da faca, é arranhada constantemente pela própria ansiedade e fascínio.”

A *final girl* originalmente é vista como virgem, enquanto as outras vítimas são punidas por sua “perversão”. Aqui, sua virgindade não é testemunho de boa garota, e seu desejo para quebrar com a inocência, ainda que carregue culpa, é latente. A protagonista reconhece que tem algo sombrio em sua própria natureza, mesmo que em teoria não deveria ter. Existia, inclusive, a ideia de matar um cachorro querido com as próprias mãos, quase como quem faz carinho, para representar isso, mas acabou por ser abandonada devido à complexidade de se trabalhar com um animal.

O pré-argumento também fala do uso da câmera pelas próprias meninas e seus hábitos retratados, suas conversas e desejos próprios. O “monstro” poderia ser um homem, mas também poderia não ser, reduzido a uma coisa movida por fetiche e curiosidade, fúria psicosssexual. É reflexo das próprias meninas em uma bestialidade contida, mas violenta.

A sequência de mortes é dada em uma câmera que não é das meninas: a primeira morre em provocação, a segunda em desafio (mas isso acaba por ser invertido no roteiro final), e a terceira morre sem se importar com essa bestialidade, pois seus desejos são voltados para a manifestação direta da protagonista. Essa última se vê em loucura, não muito diferente do monstro que decide perseguir. No confronto final, ela penetra no covil do monstro que assassinou suas amigas, como quem adentra o palco de um espetáculo. Há uma mistura de caça, perseguição e flerte. Ela utiliza da faca (uma faca de caça) do monstro, é quem possui as ferramentas, é quem pode realizar a penetração, enquanto ele utiliza das mãos para lhe enforcar. É uma troca erótica que culmina na morte orgástica de ambos, e a câmera se torna o próprio olhar da garota, pois ela tem o controle daquela situação e do próprio desejo. Sexo e morte são então a mesma coisa para a protagonista, uma metáfora bem conhecida, a quebra de uma barreira, algo que lhe possibilita nova vida. Porém, deitada no colo de sua amiga, percebe que já era capaz daquilo, e não necessitava de corrupção externa. Seu desejo sempre foi válido. Ela pode se permitir um beijo calmo.

Foi encontrado então um desafio: o texto desse pré-argumento revela uma natureza não-literal do curta-metragem, se debruçando sobre ideias abstratas e beirando à psicanálise. É claro que o filme pode ser interpretado dessa forma, mas precisa existir uma fisicalidade na tela, e ela precisa ser descrita. O argumento em si requer isso. No processo para alcançar essa exposição, foram elaboradas descrições básicas de três atos: o primeiro,

com a câmera das garotas e sua vida cotidiana; o segundo, com a câmera não diegética e a morte das três primeiras meninas; e o terceiro, com a protagonista caçando o monstro. Foram escritas também algumas falas que precisariam estar presentes. Para continuar a escrita do argumento, concluiu-se necessário primeiro descrever as quatro garotas, suas personalidades, motivações e significado de suas mortes, começando pela protagonista.

Lucas “Kolfur” Carneiro é um estudante da Unesp - Bauru que provém do curso de psicologia. Ele e Letícia se aproximaram no final do ano de 2024. Ele demonstrou interesse pelo projeto de início, no gênero do terror, na temática e na abordagem psicanalítica, porém não manifestou uma vontade de assumir algum papel na produção, por não ter experiência direta com audiovisual. Em abril de 2025, ele introduziu Letícia à sua namorada, Julia “Aviyrá” Xavier, também estudante do curso de psicologia. Julia demonstrou uma personalidade semelhante à protagonista do curta, de forma a completar para Letícia quem era essa personagem; Ali estava a inocência sombria, a monstruosidade e o desejo. Felizmente, Julia também gostou da ideia do projeto. Julia e Lucas tinham ambos portanto alguma experiência com teatro amador, estudo em psicanálise, afinidade com os temas abordados e, naturalmente, muita química. Já era cogitado conseguir um casal para os papéis da protagonista e do monstro, e parecia uma oportunidade perfeita. Os dois aceitaram o convite com felicidade.

Com a atriz da protagonista definida, tornou-se muito fácil descrever a personagem. Entre diversos nomes religiosos, “Eva” — aquela que cometeu o pecado original, precursora do sobrenatural — foi escolhido para a *final girl*. Alice foi definida como a dona da câmera e a primeira a morrer; Pérola é a beleza encarnada, a segunda morte; a terceira seria Domi, sem luta e com paixão pela protagonista. Foi escrita uma ficha para cada uma das quatro personagens, com as seguintes questões:

- Nome
- Idade
- Aparência física
- Outras características importantes
- O que a personagem quer
- O que a impede de conseguir o que quer
- Onde e com quem ela mora
- Características emocionais principais
- Relação com outros personagens
- Qual o maior medo da personagem

- Como ela se vê e como é vista pelos outros
- Como se modifica durante a trama

Com tudo isso concebido, estavam moldadas as quatro garotas. Eva é uma garota virgem perturbada pelo próprio desejo, atormentada por culpa religiosa, mas que ainda assim tem boa ideia de quem é; usa um crucifixo sem a cruz, renda branca e tecidos pretos, tem seus cabelos trançados por Domi, as unhas pintadas por Pérola, bebe da bebida das outras e fuma seus cigarros; tem um grande senso de justiça, tendências intensas e violentas e medo de não se encaixar. Alice gosta de coisas coloridas e de viver intensamente, bebendo e fumando sem ter vergonha de sentir prazer, vivendo o agora e registrando cada momento especial com sua câmera. Pérola é teatral, vaidosa e perfeccionista, obcecada com tragédias, catarse e a própria aparência; bebe energético e evita álcool; usa saias rodadas e tecidos delicados; apesar de virgem, se delicia com ser desejada e nunca tocada, achando que nenhuma atenção pode ser apropriada o suficiente. Domi é ponderada e tem uma língua afiada, feliz com as meninas ao seu redor e se esforçando para manter o controle da situação e torná-la ainda mais perfeita; usa roupas escuras e um colar em particular; e é apaixonada pela existência de Eva, acreditando que um dia ela deixará de se conter tanto. É preciso dizer que o papel de Domi foi originalmente oferecido para Luane Silva de Oliveira, que aceitou num primeiro momento, mas desistiu para poder focar em outras coisas. Apesar de não ter interpretado a personagem, Luane certamente a influenciou. O grupo de garotas foi construído para se completar entre si e possuir dinâmicas pessoais, de forma que faça sentido enxergar essas garotas como amigas que se conhecem e se amam.

Com as garotas bem construídas e todo o processo descrito, finalmente foi possível, em maio de 2025, escrever um argumento detalhado em três atos, descrevendo as imagens da manifestação dos conceitos elaborados.

4.3 O Roteiro

O roteiro, afinal, foi escrito em cerca de duas semanas entre junho e julho, e contém 19 laudas, separadas por 13 cenas. São 4 cenas para a primeira parte, 6 para a segunda e 3 para a última, procurando alcançar entre 6 e 8 minutos de duração para cada ato. O processo de escrita coincidiu com o período de férias, então foi bastante tranquilo. O texto foi pouco alterado de sua primeira versão até o polimento final, as contestações sendo principalmente sobre possíveis complicações para a produção e alguns pedidos de descrições mais detalhadas. Foi um resultado bastante satisfatório desse longo processo.

O que é feito do argumento para o roteiro é quase que simplesmente um detalhamento cena a cena. Procura-se criar a atmosfera de um corte no tempo, um conto sobre essas garotas, inclusive sem determinar um ano ou mesmo uma década para tal. Os diálogos das meninas são quase desconexos na primeira parte, cortes de seu dia-a-dia e trechos de conversas, para emular o que seria uma delas gravando momentos de suas amigas só por gostar de guardar isso, sem buscar entendimento de qualquer um que não fosse uma das quatro. Já os diálogos da segunda parte tem um tom mais melancólico e em geral precisam ser mais densos, embora ainda possuam humor. A fala das personagens é pensada para demonstrar suas diferentes personalidades, mas também para indicar um grupo que compartilha de uma mesma linguagem, e é muito inspirado pela forma como amigas da vida da roteirista falam entre si.

O tempo no roteiro, embora exista de forma nebulosa, se passa em 5 lugares: Para as meninas, o quarto onde as garotas se refugiam, o parque onde se reúnem, as ruas por onde pedalam, e os trilhos do trem onde não podem ser ouvidas. É uma ambientação pacata, com suas belezas e simplicidades. O quinto local é o covil do “monstro” — que recebe no roteiro o título de “Criatura”. O quarto em que as meninas se encontram em diversas cenas, embora isso não seja dito em momento algum, é pensado para ser de Domi, que abre suas portas livremente para oferecer qualquer conforto para suas amigas. Há objetos de todas as meninas e Eva pode sucumbir sozinha entre as memórias delas. O primeiro ato começa no quarto e mostra, na seguinte ordem, parque, rua e trilhos. O segundo, após a sequência que apresenta a Criatura e a cena do diálogo no quarto, volta no sentido contrário, com Alice morrendo nos trilhos, Pérola na rua e Domi no parque. O roteiro é escrito em uma linearidade facilmente compreensível, com suas maiores elasticidades nas cenas 5 e 11, que não são lineares, colocando uma situação, exibindo acontecimentos anteriores a ela e então voltando para a situação atual. O objetivo de não parecer completamente literal parece se cumprir, entre esses cortes temporais, a batalha de Eva e a cena final com Eva e Domi.

A descrição das mortes foi provavelmente a parte mais complexa para se escrever, pensando sempre algo que fosse possível em uma produção limitada e que não cansasse demais os atores, que não são profissionais. A morte da Alice foi pensada para ser coreografada entre cortes; a da Pérola usou como base um vídeo explicativo de efeitos práticos no filme “Until Dawn” (David F. Sandberg, 2025); e a batalha da Eva se guia em um esquema visual rabiscado a caneta de como seria montado o estúdio de gravação, com muita confiança na dinâmica dos atores.

É, em conclusão, um roteiro pensado para as condições possíveis, mas que não se acanha no que procura dizer. O universo de *Quero Ouvir Teus Doces Suspiros* é garantido em palavras cuidadosas e cheias de prazer.

5. PRÉ-PRODUÇÃO

5.1 Equipe

Selecionar uma equipe para a produção de um curta-metragem nessas condições, com poucos recursos e prazos apertados para um projeto independente e muito particular, sempre depende de boa-vontade e camaradagem de outras pessoas. Nessas condições, é comum que se exerça mais uma função e a equipe varie entre dias de gravação. Foram chamados amigos e colegas do curso de Rádio, Televisão e Internet, muitos que aceitaram participar apenas pela experiência ou por ter interesse na ideia sempre. Luane Oliveira, já citada, decidiu dedicar-se à direção de fotografia, acabando inclusive por assinar seu próprio TCC com essa elaboração. A direção de arte ficou no encargo de Joana Cordeiro, que aceitou o desafio mesmo enquanto desenvolvia seu projeto próprio. Marina Llata, a diretora e musicista do videoclipe em que Letícia e Caio trabalharam juntos, assentiu feliz em criar uma trilha sonora original. Enzo Caramori tirou algum tempo para resolver questões pontuais da produção, assim como Enzo Alonso. Thamy Grace Alves, também colega de classe do 4º ano e também envolvida na produção do mesmo videoclipe, se juntou à equipe em assistência de foto. Os outros nomes foram pessoas voluntárias das turmas mais recentes, do 1º ao 3º ano, que gentilmente estenderam suas ajudas entre responsabilidades acadêmicas e pessoais. Segue a tabela completa:

Quadro: Equipe de membros do curta

Nome	Funções
Ana Luiza Verotti	Assistente de direção
Cristina Ayumi Huzii	Montagem
Elisa Trombini Sartori	Assistente de arte, maquiagem, assistente de fotografia, making-off
Enzo Alonso	Assistente de produção
Enzo Caramori	Assistente de produção, assistente de casting, redes sociais
Fernanda Lima	Assistente de direção, assistente de arte,

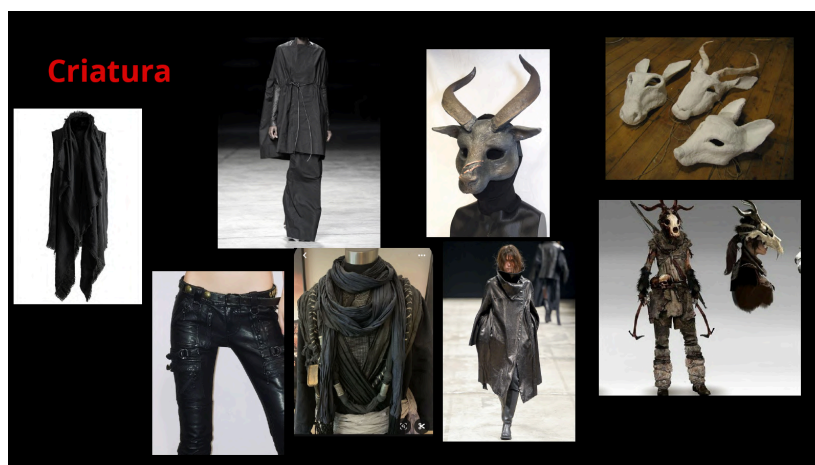
	making-off
Joana Cordeiro	Direção de arte, figurino, maquiagem
João Netto	Captação de som
Laura Gaia	Assistente de fotografia, captação de som
Leandro Santhiago	Captação de som
Luane Oliveira	Direção de fotografia
Mariana Melim Miqueleto	Assistente de arte, maquiagem
Marina Llata	Trilha sonora
Pedro Lauris Fayad Almeida	Assistente de produção
Thamy Grace Alves	Assistente de fotografia
Victor Hugo Firmino	Captação de som
Vitor Mugnol	Captação de som

Fonte: Autoral

5.2 Arte

A direção de arte foi elaborada por Joana Cordeiro ao longo do mês de agosto, amiga próxima da diretora, e ambas debateram amplamente para poder construir o universo de *Quero Ouvir Teus Doces Suspiros*. Foi decidido entre elas como seria o figurino e a maquiagem de cada uma das garotas, a aparência da criatura, o quarto de Domi e o covil da batalha final. Joana elaborou *moodboards* para cada um desses tópicos.

Figura 9: *Moodboard* da Criatura



Fonte: Pinterest e autoral

A Criatura é coberta de tecidos que invocam caça, como couro e pelos. A sua máscara, feita de gesso e ataduras, cobre todo o rosto, animalesca, remetendo à uma ovelha, símbolo de pureza e sacrifício. É uma imagem feita para ser desconcertante, assustadora, mas com alguma beleza. A diretora insistiu que a Criatura precisava ter uma silhueta andrógina e misteriosa, sem características gritantes que associassem facilmente ao que é considerado feminino ou masculino. Joana, em nome do erotismo, queria colocar Lucas sem camisa e em uma calça de couro justíssima, cós baixo o suficiente para mostrar pelos pubianos. Sem aprovação da diretora, ela decidiu costurar um manto comprido com capuz, em retalhos, cobrindo todo o torso. Uma calça escura, cinto para a bainha da faca e botas completam o visual desse assassino, feito para se movimentar com elegância e brutalidade.

Figura 10: As máscaras da Criatura

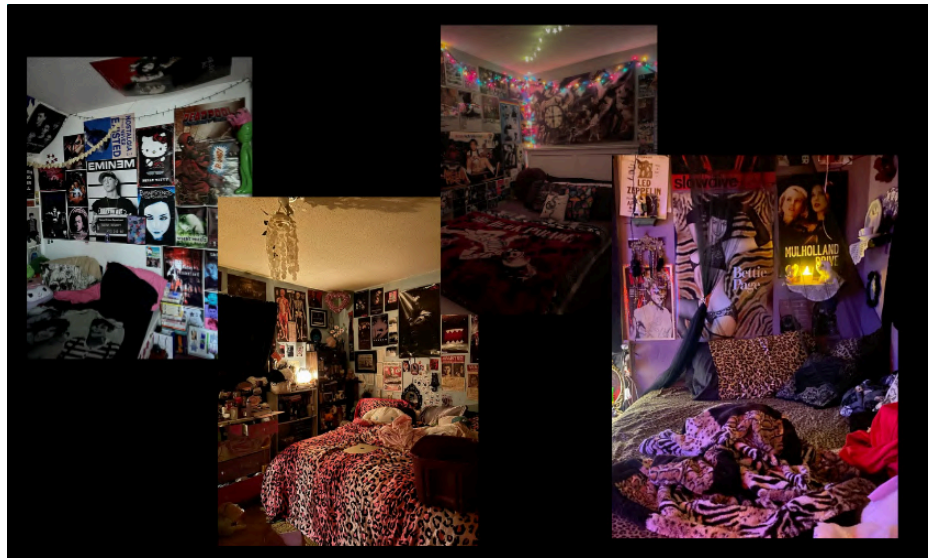


Fonte: Autoral

A faca (utilizada nas gravações sem fio), foi escolhida pelo próprio Lucas. A lâmina curva e estampada, com detalhes na empunhadura, comprida e desafiadora, uma arma de personalidade. Ao final das gravações, junto ao manto e a máscara, Lucas ficou com a faca como lembrança.

A estética das meninas, mesmo em seu contraste, gerou uma bonita unidade. O quarto em que elas se reúnem, ainda que fosse de Domi, precisava representar isso. O resultado tinha muitos cartazes de músicos e filmes de terror, luzinhas de natal, acessórios e garrafas espalhados e cobertores com estampas berrantes. Bagunçado e aconchegante num primeiro momento, e mais sinistro conforme o andamento da narrativa.

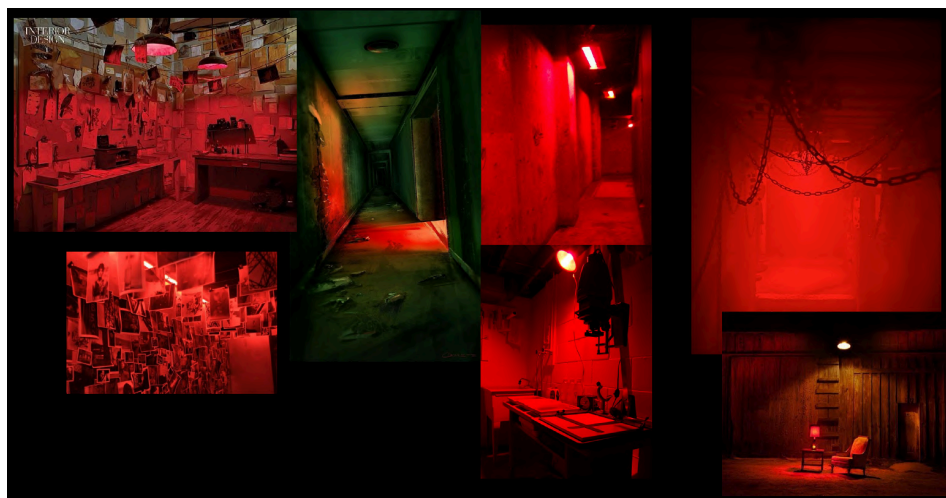
Figura 15: *Moodboard* do quarto



Fonte: Pinterest

Joana também pensou em como gostaria do covil, esse sinistro laboratório de revelação de fotos, e imaginou correntes, sujeira, diferentes texturas de plásticos, jornais nas paredes, papelão e velas.

Figura 16: *Moodboard* do covil



Fonte: Pinterest

A diretora de arte fez também listas de providências, entrou em contato com as atrizes, separou os figurinos e realizou alguns testes. Seu trabalho foi essencial para que o curta tivesse a identidade que tem.

5.3 Fotografia

A direção de fotografia foi confiada à Luane Oliveira, também amiga próxima da diretora. Ela elaborou, em agosto, toda a decupagem de foto a partir do roteiro, e nas gravações delegou pouco a câmera às outras pessoas.

Grande parte do curta é trabalhada com luz natural, devido às localidades e o fortíssimo sol bauruense. No quarto, é possível um pouco mais de diversão, com as luzes de natal e velas, e a sombra da Criatura projetada a partir da lanterna de um celular, já que a LED não atingiu o resultado esperado. O covil foi o exercício que precisou de mais dedicação; Luane delimitou três espaços com luzes de diferentes cores, valorizando a direção de arte, sendo “o altar”, em um dourado, “as fotos”, com um vermelho e azul retirados da referência de *Suspiria*, e “a cadeira”, com um tom vermelho puxado para o rosa, buscando a violência e o erótico.

Figura 17: Eva em “as fotos”, sem tratamento de cor



Fonte: Autoral

A filmadora de Alice pertence, no nosso mundo, à própria Luane. Os movimentos feitos como se fossem em primeira pessoa são todos guiados pela mão dela. As outras cenas, que utilizam da câmera do estúdio, ainda seguem uma estética de “câmera na mão”, pois na

emoção das gravações e com as cenas de luta, ela acreditou que seria muito complicado realizar os movimentos necessários com o tripé disponível, além de querer representar o olhar da Criatura. Da decupagem para a filmagem em si, muitos cortes foram colocados de lado para uma gravação contínua. Uma cena bastante complexa foi a morte da Pérola, onde planos adicionais foram gravados para garantir facilidade na edição. Para acompanhar as meninas nas bicicletas, a diretora de foto ainda pediu por uma moto e alguém que a pilotasse, o que felizmente foi arranjado. Com todo esse trabalho, as dificuldades das locações e equipamentos limitados foram superados, e o resultado é satisfatório.

5.4 Trilha Sonora

A trilha sonora foi debatida entre Letícia e Marina Llata em setembro. O pedido era por um tema para as garotas, um tema para a Criatura e algo diferente para Eva. O estudo da diretora sobre trilha é escasso, e as referências dela para a atmosfera foram ditas de forma bastante informal, citando filmes como *Tubarão*, *Halloween* e *Xuxa e os Duendes*, para descrever uma ambientação de magia, conforto, ansiedade e violência. Marina conseguiu o milagre de trabalhar com isso.

Suas referências envolveram a ambientação em filmes de *folk horror*. Ela utilizou de instrumentos como a guitarra e o violão, e muitos sons experimentais, incluindo alguns vocais. Marina descreve que o tema da criatura foi o que mais deu trabalho, incluindo sobreposição de cordas que foi colocada no tempo errado e decidiu-se manter assim. Porém, relata que foi divertido poder trabalhar tão livremente e com um interesse tão específico como nesse projeto. Experimental deve ser realmente o que descreve essa trilha, em sintonia com o curta em si. A diretora é extremamente grata pelo trabalho de Marina, e só conseguiu enxergar o projeto como uma unidade a partir da existência dessas músicas.

5.5 Casting

Já era então bem definido que Julia e Lucas interpretariam Eva e a Criatura, sem um cachê estabelecido e com a gratidão por seus trabalhos manifestada em presentes voluntários e pessoais, com meses para ambos pensarem sobre os papéis e desenvolvê-los; Já o processo para encontrar as outras meninas foi bastante diferente. No dia 18 de agosto, começamos o processo de seleção de elenco para as personagens que faltavam: Alice, Domi e Pérola. Para isso, Enzo Caramori elaborou um formulário, que foi divulgado através de um *post* no perfil do Instagram do curta-metragem e cartazes pelo campus da Unesp, também realizados por ele.. As atrizes interessadas no projeto acessaram o formulário

disponível no *link* na bio do perfil, que continha uma breve sinopse sobre o curta, acesso às fichas de personagens, datas de inscrições e audições, local e data estimada das gravações e telefones para contato. O formulário era preenchido com as seguintes informações: nome, idade, gênero e sexualidade, telefone, cidade de residência, perfil do Instagram, quais personagens tinham interesse em interpretar no teste, qual a experiência ou interesse em atuação e suas disponibilidades para as audições. Adicionalmente, inserimos a opção de fazer as audições de forma remota, por meio da plataforma *Google Meet*, ou presencial na própria UNESP Bauru. Consideramos relevante perguntar gênero e sexualidade pensando na criação da curta como uma obra *queer*, como já foi citado, pois em busca de retratar uma experiência subversiva, era interessante para nós que as atrizes possivelmente pudessem se identificar com essa experiência.

O formulário ficou aberto no período de 18 a 30 de agosto. Durante as conversas que tivemos ao longo desses dias, ficamos com medo de não conseguirmos encontrar atrizes suficientes para fazer parte do elenco que faltava, sendo um projeto com um tema tão específico e necessitando de um compromisso alto para remuneração financeira simbólica. As garotas que se inscreviam geralmente se candidatavam para Alice, Domi ou ambas, e nós não entendíamos a falta de interesse em Pérola. No fim, após uma boa dose de desespero e um bocado de ansiedade, sete atrizes preencheram o formulário. Das sete, quatro foram selecionadas para as audições, iniciadas no dia 29 de agosto e finalizadas no dia 2 de setembro.

A primeira audição ocorreu remotamente no dia 29 de agosto durante a tarde. Nela, Catarina fez o teste para Alice e Domi. A energia que ela trouxe para a personagem da Alice foi muito admirada, combinando mais do que a que houve com Domi. No outro dia, tivemos duas audições presenciais: Fernanda, que fez o teste para Pérola, e Marina, que fez o teste para Domi. Como não tivemos nenhuma outra atriz que se inscreveu para o papel de Pérola, escolhemos Fernanda imediatamente. Apesar de ter sido uma escolha motivada por necessidade, percebemos também que ela combinava perfeitamente com a personagem, com um histórico de teatro e usando meias de renda. Ela relatou que se identificou muito com Pérola, e entendemos que talvez o papel requisitasse uma vulnerabilidade difícil de se encontrar, mas que ali estava. Marina teve o privilégio de realizar seu teste com a presença de Julia, praticando diálogos em um teste de química e dividindo cigarros depois. Marina tinha habilidade natural e ambas se deram bem rapidamente, com sintonia em suas interpretações e uma bela espontaneidade, e ela se tornou favorita para o papel.

Por fim, fizemos o teste com Isabella para o papel de Alice através do *Google Meet*. Ela havia se inscrito também para Domi, mas após a audição de Marina, não sentimos necessidade de testar mais alguém. Essa foi a única personagem que tivemos de fato que escolher entre duas atrizes (Isabella ou Catarina) para o papel, mas, depois de discutirmos a performance de ambas nas audições e suas disponibilidade, optamos por Catarina.

Com isso, tínhamos todas as quatro meninas do elenco, e a sensação de que elas funcionariam muito bem juntas.

5.6 Investimentos

Levando em conta que os equipamentos foram obtidos de forma gratuita, por meio de amigos e do Laboratório de Televisão da própria UNESP Bauru, nossos investimentos financeiros se concentraram em:

- produção de Arte para o curta-metragem, o que inclui figurinos, cenário e objetos de cena;
- pagamento de uma remuneração simbólica para o elenco;
- alimentação da equipe ao longo das diárias;
- ressarcimento do valor gasto pelo elenco no transporte até os locais das gravações.

Recebemos um patrocínio da gráfica Palamin que nos permitiu imprimir alguns cartazes para o cenário do quarto de forma gratuita, generosidade a qual somos gratos. Decidimos logo no início que queríamos pagar o elenco (Catarina, Fernanda e Marina) e chegamos no valor de 80 reais para cada atriz, totalizando em R\$240. R\$140 foram gastos com carroto para levar as bicicletas. Quanto à alimentação, desembolsamos R\$445,25, valor que inclui também o que foi gasto em refrigerantes, sucos, copos descartáveis e guardanapos. A produção de arte foi realizada com cerca de R\$600. Para fazer o ressarcimento do valor gasto por todas as atrizes e o ator no deslocamento até as gravações, fizemos uma pasta no *Google Drive* onde elas podiam colocar os recibos das corridas realizadas por aplicativos. Com isso, foram gastos R\$173,05. No total, tudo gira em torno de R\$1500, com prováveis gastos a mais que não foram anotados apropriadamente. O investimento veio de trabalhos próprios e doações de familiares, e tudo que podemos fazer é agradecer por isso.

6. GRAVAÇÕES

6.1 Organização

As diárias foram pensadas para serem divididas de acordo com as locações: o quarto, o parque, a rua, os trilhos e o covil. Originalmente, foram pensados um dia de gravação para cada locação e dois para o quarto, por ser a locação com mais cenas e com diálogos compridos. Porém, ao avaliar a disponibilidade de datas e horários dos atores, percebeu-se que isso não seria possível.

Assim sendo, as primeiras diárias foram marcadas para os dias 20 e 21 de setembro, sábado e domingo, respectivamente. A primeira seria a do parque, pela tarde, e a segunda com todas as cenas do quarto na manhã e na tarde, de forma que as atrizes pudessem ter momentos mais calmos para se conhecerem e criarem alguma intimidade, e Lucas pudesse se fazer presente e conhecido sem ter que imediatamente realizar cenas de violência e contato físico. Foram dias quentes, e os quais a equipe pôde estar presente na maior totalidade.

A terceira diária foi marcada para o dia 28 de setembro, com locação dupla entre a rua e os trilhos. Já se sabia que seria difícil abarcar todas as cenas dessas locações em único dia, mas era o que parecia possível na disponibilidade. Com atrasos e alguns imprevistos, a cena da luta entre Alice e a Criatura foi remarcada para o dia seguinte, 29, segunda-feira, com equipe de produção reduzidíssima. Foram dois dias também muito quentes, o 29 em particular, torturando atores e equipe.

A quinta diária seria feita, felizmente, nos estúdios da FAAC, no dia 1 de outubro. Felizmente, pois aquele dia não estava somente quente como queimadas ocorreram próximas ao campus da Unesp. O estúdio foi montado pela manhã e as gravações ocorreram à tarde.

6.2 Equipamentos

Para as gravações das cenas, foi utilizada uma filmadora 4K da Panasonic e, para os registros em vídeo feitos pelas personagens, foi usada uma filmadora Handycam, devido ao seu visual único em termos de vídeo, associado à câmeras digitais mais antigas. No som, foi usado um gravador *zoom* acompanhado de um microfone *boom*. Para a iluminação, utilizamos uma luz LED de tamanho médio na segunda diária.

Como mencionado anteriormente, todos os equipamentos foram obtidos através de empréstimos: o gravador *zoom* foi emprestado pela já formada Giovanna Nolasco, a Handycam foi emprestada por Luane Oliveira e os demais itens foram emprestados pelo Laboratório de Televisão da UNESP Bauru. Aqui, vale mencionar que o Laboratório também

nos forneceu um tripé para a câmera e outro para a luz, mas ambos não foram utilizados durante as diárias.

6.3 Diária 1 (20/09) - Cenas 2, 5, 10 e 13

A primeira diária aconteceu no Parque Vitória Régia, em Bauru. O ambiente, percebemos, não era o da grama mais verde, mas teria de servir ao propósito. Procuramos, anteriormente, contato com o Jardim Botânico de Bauru, mas não conseguimos marcar a gravação lá pois o local limitava um número de pessoas no ambiente para esse tipo de atividade, de forma que seria impossível para a nossa produção trabalhar.

Nesse dia, precisávamos gravar todas as cenas que se passavam na locação, o que incluía o diálogo na filmadora da cena 2, alguns passos da Criatura na cena 5, a morte de Domi (Marina) na cena 10 e o beijo final entre Domi e Eva na cena 13. Era uma diária particularmente tranquila de ser feita.

Ao todo, estávamos em 15 pessoas, incluindo a equipe de filmagem e o elenco. Para que ninguém passasse a tarde no parque de barriga vazia, a alimentação foi oferecida com os dotes culinários da produção; Letícia trouxe uma *focaccia* e um bolo de cenoura; Caio trouxe uma torta de legumes acompanhada de refrigerantes, suco, copos descartáveis e guardanapos para todos.

A chegada foi marcada para às 13h, mas houve algum atraso por parte da Julia. No meio tempo em que não começamos, toda a equipe pôde interagir entre si e falar sobre o projeto. As garotas presentes, Catarina, Fernanda e Marina, se maquiaram juntas e criaram simpatia umas pelas outras com facilidade. Lucas também aproveitou para se apresentar e conversar, e gravamos a cena de seus passos. Compramos caldo de cana para todos nesse período. Com a chegada de Julia e tudo já pronto, iniciamos as filmagens por volta das 14h30, gravando a cena 2. Às quatro da tarde, fizemos uma pausa para comer e descansar um pouco, e Catarina e Fernanda foram liberadas do set com isso. Apesar da aparência um tanto deprimente do local, não tivemos grandes problemas. Eventualmente, precisamos mover nossos pertences algumas vezes para evitar que nós e outras pessoas aparecessem no fundo das cenas. Gravar em público vêm com o risco de abordagens pouco desejadas, mas nada que oferecesse grandes problemas.

Realizamos a cena 10 e a cena 13 habilmente. A direção da cena 13, embora pudesse parecer complicada devido à intimidade da cena, saiu de forma muito natural. Finalizamos tudo às 18h. Aquela tarde de sábado foi uma boa diária, e pudemos ter certeza de

que um bom produto sairia naquele ritmo e com aquela equipe. Foi muito bonito ver a sintonia das garotas em cena, que não tinham dificuldade em parecerem amigas de longa data.

Figura 18: Marina, Julia, Thamy e Letícia em gravação da cena 13



Fonte: Autoral

6.4 Diário 2 (21/9) - Cenas 1, 5, 6, 9 e 11

Na segunda diária, precisávamos gravar as cenas que aconteciam dentro do quarto de Domi (Marina). Para isso, Luane Oliveira nos cedeu seu próprio quarto e seu apartamento, localizado em um condomínio de fácil acesso em Bauru.

Chegamos por volta das nove da manhã para decorar o quarto onde seriam feitas as filmagens. Elisa realizou a maior parte do trabalho, trazendo inclusive alguns objetos pessoais para dar vida ao ambiente. Ao todo, estávamos em catorze pessoas naquele dia, o que se provou um desafio devido ao pequeno espaço do ambiente e ao calor sempre intenso da cidade. O leque da diretora passou de mão em mão aquele dia.

Começamos o dia com um imprevisto. O planejamento seguiria a ordem cronológica das cenas, para facilitar a organização do cenário e o uso de urso de pelúcia que seria decapitado, e Fernanda e Catarina poderiam ser liberadas após as gravações da cena 6. Porém, Fernanda, que tinha tido um compromisso no dia anterior, acordou não se sentindo bem e sem ter certeza se poderia gravar naquele dia. Foi então acordado que, se ela acabasse por ficar bem disposta até o meio-dia, gravaríamos as cenas 1, 5 e 6 pela tarde. Catarina também foi avisada, de forma que não precisou comparecer pela manhã. Felizmente, o destino sendo bondoso conosco, Fernanda apareceu na porta do apartamento por volta do meio-dia.

Enquanto Fernanda não estava presente, filmamos as cenas 9 e 11, que envolviam só Eva (Julia) e Domi (Marina). Eram cenas com maior peso dramático, então não era o ideal começar por elas. Mas as garotas se resolveram bem na dramaturgia, com excelentes performances. O ursinho de pelúcia, porém, não pôde ser recuperado, e perdeu sua participação nas cenas mais do início do curta. Depois que o elenco estava completo, começamos a gravar as cenas que envolviam todas as personagens juntas, com muitas conversas livres dentro do quarto.

À uma da tarde, foi feita uma troca na equipe de som: Vitor e Leandro, responsáveis pela captação até então, precisaram ir embora; então, dois calouros do curso de RTVI, Victor Hugo e João Netto, apareceram para ajudar.

Às 15h30, paramos para comer e descansar. Damos uma olhada no *iFood* e pedimos salgadinhos de festa por *delivery*. Também fizemos batata frita, assamos pão de queijo e compramos alguns refrigerantes para a equipe. Lucas, que estava presente mesmo sem ter uma participação ativa naquele dia, insistiu em ajudar com o que pudesse. Com isso, pudemos gravar a sombra da Criatura na cena 5.

Finalizamos por volta das 18h. Apesar do calor e do espaço, tudo correu bem.

Figura 19: Catarina e as meninas na gravação



Fonte: Autoral

6.5 Diária 3 (28/9) - Cenas 3, 4, 5, 8 e 11

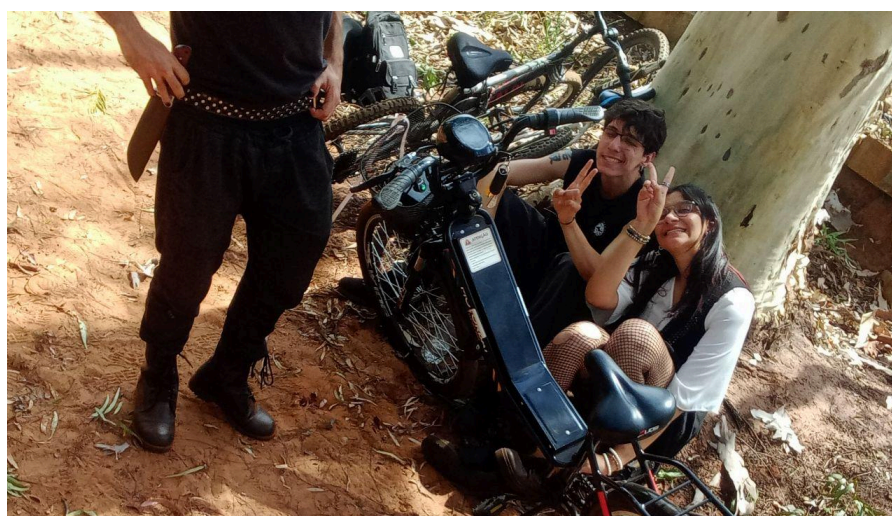
Não tínhamos dúvida de que essa seria a diária mais difícil, mas não tínhamos como prever o quanto. Com a equipe desfalcada, cansaço de um evento não relacionado no dia anterior no qual quase todos compareceram, e outras complicações, muitos atrasos e problemas ocorreram nessa gravação.

As cenas gravadas seriam a da rua e dos trilhos, e o local escolhido foi o Horto Florestal. Em uma visita de locação, um trecho da trilha pareceu promissor para a rua, com algumas construções abandonadas que dariam belos *inserts*. Seria também fácil cortar caminho para os trilhos por dentro dessa trilha. O que não nos atentamos, em um erro, era que a trilha não era aberta aos domingos, então foi preciso encontrar um novo local nas dependências para gravar as cenas da rua e uma caminhada muito maior nos aguardava para acessar os trilhos. Além disso, foi preciso uma certa logística para conseguir um carroto que trouxesse e levasse as bicicletas naquele dia. Nesse dia era necessário ainda a presença de uma moto, para que a câmera pudesse acompanhar as garotas nas bicicletas. Por sorte, Gabriel Moreno, namorado de Julia, se dispôs a nos ajudar com isso.

Estávamos sem equipe especializada de som ou assistente de direção, o que resultou em questões para a pós produção. As filmagens previstas para iniciar às 10h só foram possíveis a partir das 12h30. Gravar as cenas em movimento foi bastante trabalhoso. Foi logo perceptível que não seria possível gravar todas as cenas naquele mesmo dia, então foi pedido que Lucas e Catarina comparecessem no dia seguinte para gravar a cena 7, que só necessitava dos dois. A luta entre Pérola e a Criatura, como era esperado, mesmo que não desejado, foi bastante desgastante. A gravação da cena 4, nos trilhos, deixada para o final, foi prejudicada pelo nosso cansaço.

Pelo menos, Enzo Alonso se encarregou de uma boa alimentação para todos naquele dia, feita de maneira esparsa ao longo do tempo. Tivemos tortas, sanduíches, pães de queijo, sucos e refrigerantes. Apesar do desgaste, conseguimos terminar a diária e nos despedimos com carinho de Marina e Fernanda, que tinham finalizado suas cenas.

Figura 20: Lucas, Gabriel e Julia no set do 3º dia



6.6 Diária 4 (29/9) - Cena 7 e regravação da 11

Nesse dia, precisávamos gravar a cena do confronto de Alice (Catarina) com a Criatura (Lucas) nos trilhos do trem. Para isso, fomos nos trilhos perto do Horto Florestal de Bauru durante a tarde. É importante mencionar que, tirando os atores, estávamos com uma equipe bastante reduzida: Letícia trabalhou na direção e na arte, Luane fez a fotografia e Caio realizou a captação de som. Pretendíamos acabar aquela gravação em cerca de duas horas, então não preparamos alimentação.

Entre o dia 28 e o 29, ao reassistir as gravações, Letícia e Lucas perceberam um triste fato: em um dos takes da cena 11, Julia está de óculos, mas Eva não usa óculos, em nenhum momento do curta e muito menos naquela sequência. Mais uma falha do nosso cansaço. Foi pedido então que Julia voltasse nas gravações de segunda-feira para regravar esse take, o que ela felizmente aceitou.

Quando chegamos no local, por volta das 14h30, tivemos que andar um pouco pelos trilhos para achar um lugar que combinasse com a cena. Além disso, precisávamos nos distanciar da rua que cortava os trilhos, de forma a evitar que os inúmeros sons de carros vazassem durante a captação do som da cena.

Após uma curta caminhada pelo sol ingrato de Bauru, que ainda haveria de torturar os atores, encontramos um ambiente propício para a gravação. Enquanto a cena era preparada e discutida, Caio aproveitou para gravar a ambiência do lugar, que seria utilizada na pós-produção do curta.

Passados alguns minutos, a gravação se iniciou. Depois de filmarmos um pouco do começo da cena, tivemos que parar, pois um caminhão-pipa estava sendo abastecido bem ao lado de onde estávamos e o barulho era alto demais. Precisamos esperar uns quinze minutos até ele ir embora e, então, continuamos a gravação.

Mostrar a luta entre Alice e a Criatura foi um desafio. Cenas de confrontos físicos são complexas por natureza e essa não foi diferente. Primeiro, filmamos algumas tentativas, com muitas hesitações. Em seguida, Catarina e Lucas repassaram a coreografia da luta nos trilhos. Aqui, houve uma preocupação nossa em relação ao calor dos trilhos e tínhamos medo de que Catarina acabasse se queimando caso tocasse no metal por muito tempo. Na tentativa de amenizar a temperatura, até jogamos um pouco de água nos trilhos, mas o resultado não foi tão benéfico quanto imaginávamos. Por isso, pedimos à Catarina e Lucas que evitassem ao máximo tocar nos trilhos e a garota aceitou continuar. O traje da Criatura também não tinha

sido feito para temperaturas tão altas e precisamos dar algumas pausas, levando mais tempo para completar a cena do que imaginávamos.

Precisamos de algumas tentativas até conseguir acertar a cena completa. Enquanto guardávamos os equipamentos para ir até a outra locação, percebemos que faltava gravar *inserts* e uma cena da Criatura parada, prestes a encontrar sua próxima vítima. Então, Lucas, que já tinha tirado seu figurino quente e a máscara, precisou colocar tudo de novo. Para a alegria dele, foi uma cena curta e rápida de gravar, já que não exigia som.

Em seguida, Catarina se despediu, em sua última filmagem, e ficou com o colar de Alice. Nós nos poupamos de mais cansaço em um rápido *Uber* para a próxima locação: o Horto Florestal, onde regravaríamos a cena 11 com Júlia. Lá, encontramos com a atriz e fomos para a mesma trilha onde filmamos na terceira diária. Dessa vez, como era uma cena curta e que não precisava de som direto, foi bem rápido. Conseguimos consertar o erro de continuidade e finalizar as cenas naquele local, por volta das 17h40.

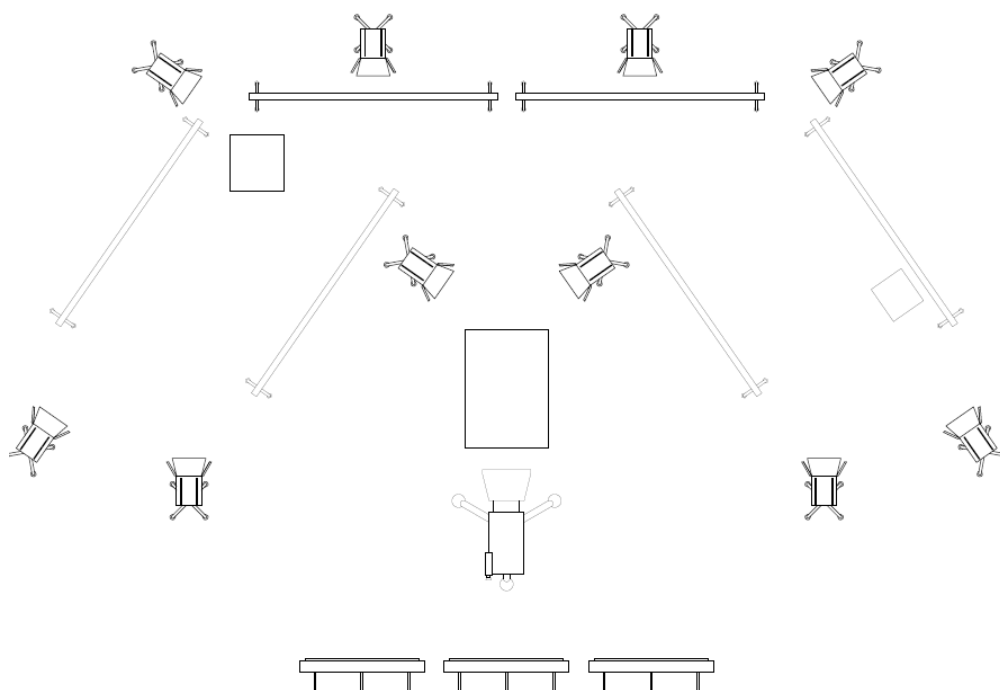
6.7 Diária 5 (1/10) - Cena 12

A última diária foi reservada para o confronto final entre Eva (Julia) e a Criatura (Lucas). Chegamos às 9h no estúdio de TV da Unesp para preparar o cenário. Por mais que seja um estúdio, queríamos que o covil da Criatura interpretada por Lucas passasse a impressão de um lugar sujo, habitado por um ser obcecado e pouco racional. As tapadeiras presentes no estúdio serviram como paredes do covil, separando-o em três ambientes, e, nelas, colamos recortes de jornal de tamanho variado e sem nenhum padrão. Grandes correntes de plástico foram dependuradas, papelão manchado com tinta vermelha foi espalhado, e alguns tecidos plásticos também fizeram parte da composição. Flores mortas, velas, dentes falsos, uma mecha de cabelo e muitas fotos estiveram presentes. Uma maçã, símbolo do pecado original, acabou por também ser adicionada.

Na fase de pré-produção, a ideia inicial era que a Criatura tivesse fotos das personagens em filme, mas, por conta dos custos que isso acarretaria, optamos por uma impressão de pouca qualidade em papel sulfite. Exibidas em pequenos varais, as imagens em baixa qualidade e com algumas falhas na impressão acrescentaram ao clima de decadência do ambiente.

Ao meio dia, a arte estava montada, e Luane chegou para se ocupar com as luzes. Ela e Letícia haviam rabiscado um esquema inicial, que se mostrou eficiente. As luzes, muito coloridas, foram definidas nos ambientes, e o resultado do cenário era de impressionar.

Figura 21: Esquema de luz do covil, passado a limpo



Fonte: Autoral

Outro aspecto que exigiu cuidado nessa diária foi a cadeira. Na parte final da cena, Julia precisava empurrar Lucas em uma cadeira e ficar por cima dele. Nós sabíamos que havia no estúdio uma cadeira de madeira, antiga e que combinava com a ambientação. Porém, no momento que Lucas bateu os olhos naquele móvel, afirmou que aquilo ia quebrar. Por isso, decidimos ir atrás de outra cadeira que pudesse aguentar o impacto. As cadeiras do estúdio todas possuíam rodas, e não seria possível gravar com elas. As poltronas disponíveis não funcionariam com a cena ou com o cenário. Tínhamos, no máximo, um banco alto, que não era ideal. Após uma conversa com um dos funcionários do laboratório de fotografia, conseguimos pegar emprestada uma cadeira que estava na cozinha dos servidores ali ao lado. Porém, ela nos foi cedida na condição de devolvê-la até 17h30. Quando se aproximou o horário, ainda não tínhamos gravado com a cadeira, então devolvemos aquela e nos voltamos para a cadeira de madeira.

Por ser uma quarta-feira, não conseguimos chamar outras pessoas para ajudar nas filmagens. Então, naquele dia, estávamos em seis pessoas no estúdio de TV: Letícia na direção, Luane na fotografia, Caio na captação de som, Joana na direção de arte e nosso elenco, Julia e Lucas, dando vida aos personagens. Entretanto, resalto aqui que a preparação do cenário foi um trabalho coletivo de todos nós.

As filmagens se iniciaram às duas da tarde. O local apertado, o teto baixo e as luzes fortes criaram uma ambientação única, com suas dificuldades para gravar, mas com um charme indiscutível. Um outro desafio foram as velas acesas. Queríamos que elas apagassem logo quando a Criatura aparece no covil, anunciando sua presença. Tentamos apagá-las duas vezes, abanando pedaços de papelão ou madeira, mas não deu certo. Assim, optamos por fazer um *insert* em que assopramos as velas e obtivemos um efeito satisfatório.

A luta entre Eva e a Criatura foi complexa como esperado. Ela não foi propriamente coreografada pela direção como as outras, em uma opção de criar os movimentos junto com os atores. Uma liberdade que foi permitida por ser a única cena do dia. Houve também um preparo maior de personagem, com Lucas e Julia correndo e dançando pelo cenário antes de, de fato, começarmos. Em vez de mostrar a batalha em *takes* contínuos, optamos por dividi-la em partes. Eram momentos intensos para a atuação. Nisso, demoramos um pouco mais do que o planejado.

Por fim, em um dos últimos momentos da cena, chegamos na cadeira. No primeiro take que a usamos, ela desmontou por completo. É possível ver nas gravações que Julia ainda tenta segurar o peso de Lucas, mas a cadeira cedeu com facilidade. Foi sorte nenhum dos dois atores se machucou no processo. Cansados, resignados e sem nenhuma outra opção, filmamos com o banquinho mesmo. Não era o que queríamos, mas o resultado foi bom o bastante.

Finalizamos por volta das 18h30 e arrumamos o estúdio para deixá-lo limpo outra vez. A diária foi longa, mas muito recompensante. A cena 12 é o clímax de *Quero Ouvir Teus Doces Suspiros*, e aquele cansaço não era negativo, apenas prova de que tínhamos feito um bom trabalho. Aquela etapa estava finalizada.

Figura 22: Equipe e elenco do último dia de gravação



Fonte: Autoral

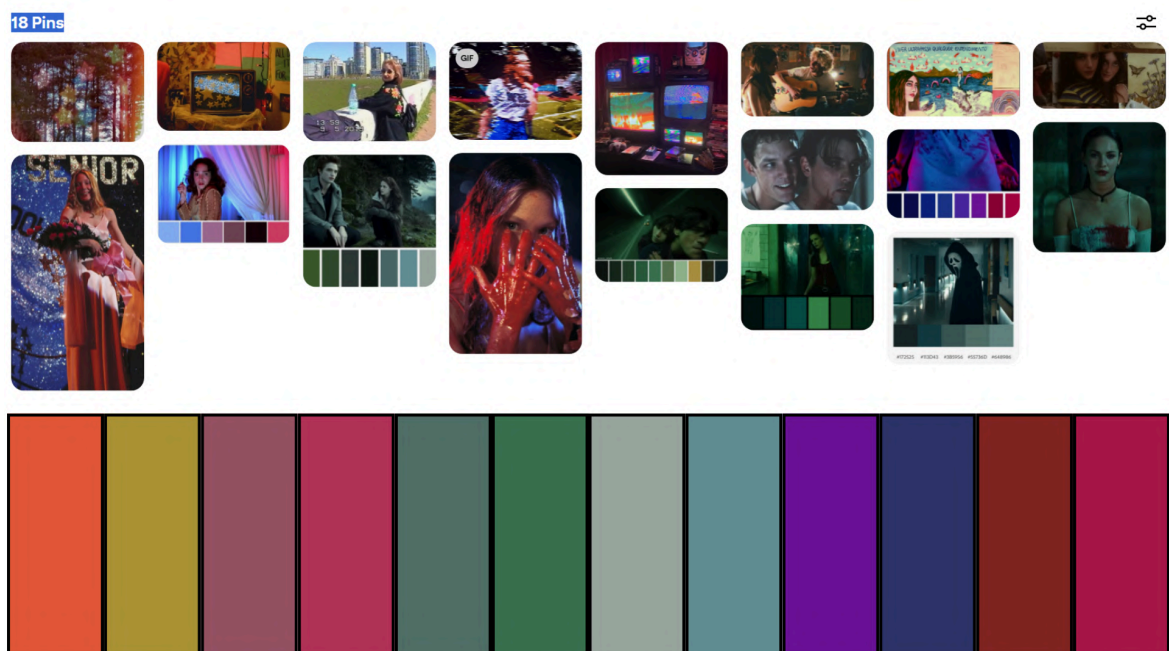
7. PÓS-PRODUÇÃO

A montagem do curta ficou nas mãos de Cristina Ayumi Huzii, jovem colega do curso. Na segunda quinzena de outubro, ela trabalhou nos primeiros cortes seguindo instruções do roteiro e da decupagem de foto no Adobe Premiere. Conforme entregas, Letícia lhe dava algumas orientações. Sua versão final foi entregue dia 3 de novembro.

Com isso, Letícia se dedicou a pequenos ajustes, algumas movimentações de câmera através do próprio *software* e a aplicação da trilha sonora. Essa última parte foi particularmente satisfatória. O ganho de emoção ao ver a abertura das meninas com aquela melodia encantada, a Criatura se aproximando com as batidas e Eva em seu rompante foi gigantesco. Era, então, uma obra audiovisual! Também foram realizados alguns ajustes de som. Assim, no dia 7 de novembro, uma nova versão se formava.

Por fim, na semana entre o dia 10 e 15 de novembro, foi realizada a coloração, adição de efeitos e videografismos. Os efeitos, como os *glitches*, os títulos e créditos foram feitos no After Effects. A coloração, realizada no próprio Premiere, além de igualar algumas cenas e valorizar mais a luz e cor de algumas, como a sequência do covil em toda a sua glória, também serviu para criar maior diferença entre as imagens das câmeras *diegéticas* e *não-diegéticas*.

Figura 23: Estudo visual para cores do curta



Fonte: Pinterest

Com a filmadora de Alice, se buscou uma saturação maior e cores muito vivas, mas nostálgicas, refletidas nos 4 primeiros tons na paleta da imagem. Já as cenas do segundo ato receberam um tratamento mais fechado, dessaturado, azul, verde e cinza, mostrado nas 4 cores seguintes, remetendo a filmes de terror mais recentes. As cores marcantes da batalha final, o contraste em vermelhos e azuis, são expostas nas quatro cores finais. Os efeitos de *glitches* em cenas da filmadora corroboram para a atmosfera nostálgica e misteriosa, gerando ansiedade e inclusive cobrindo alguns erros. Os videografismos seriam os créditos; seguindo o roteiro original, o nome dos atores, de Caio e Letícia e do título do próprio curta aparecem primeiro na sequência de abertura. O *card* de título foi criado por Enzo Caramori, ainda na fase de divulgação da chamada de elenco.

Com esse trabalho, *Quero Ouvir Teus Doces Suspiros* estava, pelo menos até este ponto, finalizado.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quero Ouvir Teus Doces Suspiros é o fruto de uma graduação inteira, de uma ideia persistente, de sentimentos que se infiltram sob a pele e se recusam a serem abandonados. É uma felicidade enxergar em um produto não só um traço de um conflito pessoal, mas também anos de estudo prático e teórico. Os elementos do terror e do *slasher* se fazem reconhecíveis na tela: a tensão e atmosfera de caçada surgindo por entre as frestas do tédio cotidiano de uma cidade pequena, as vítimas uma a uma, a faca e o sangue, o clima sombrio entre risadas juvenis e a morte orgástica. Tudo isso é instrumentalizado de forma a criar algo novo, um conto sobre desejo e violência femininos, com uma protagonista de personalidade e conflitos que ilustram um quadro maior de subversividade, refletida na máscara animalesca de um assassino humano e não humano. Que respiro de esperança é saber que se é sim capaz de criar algo dessa forma. O formato do curta-metragem permite maior experimentação nessa busca por inovação em criação. Parece contraditório que, com menos tempo, possa se trabalhar de forma mais específica a construção audiovisual, mas é o que de fato acontece. A limitação exige soluções criativas para desenvolvimentos de personagens e confecção de símbolos, e permite uma flexibilidade narrativa.

Ainda assim, exige muito trabalho. Como teria sido mais fácil abandonar essa obsessão por algo mais simples, algo que precisasse de menos tempo, menos gente, menos recurso. Ainda bem que isso não foi feito. Quantas vezes houve dúvida de que isso sairia do papel. Mesmo assim, com o apoio certo, aqui está. As frentes criativas, entre roteiro, direção, arte, trilha sonora e fotografia são feitas propositalmente entre mãos e olhos de figuras

femininas e *queers*. É garantido que, para existir essa visão na obra final, na tela, ela tenha sido elaborada por uma equipe diversa que oferece a própria experiência com identificação. Mesmo que isso não seja visto como necessário em grandes produções, aqui temos esse privilégio. A herança queer dos referenciais teóricos e estéticos não permanece estática, e sim se permite ser continuada.

O projeto era ambicioso, mas conhecia o terreno acidentado pelo qual trilharia. Ele foi concebido dessa forma, para ser um curta universitário gravado na cidade de Bauru, íntimo e cheio de falhas. A ideia de uma garota e sua câmera filmando seu grupo de amigas permite o charme da imperfeição. A localização de uma produção brasileira aqui pode não ser vista de forma explícita. A influência de trabalhos estrangeiros é clara e reconhecida, e não se utiliza de elementos considerados tradicionalmente símbolos nacionais. Ainda assim, se reflete uma experiência muito particular do interior paulista, com seu sol quente e seco e seus ambientes pitorescos e um ar ao mesmo tempo de solidão e intimidade. As atrizes pegaram o texto e tiveram liberdade de mastigá-lo para caber na boca e acomodar seu sotaque.

Não há como imaginar esta história sem Catarina como Alice, Fernanda “Lírio” como Pérola e Marina como Domi. Simplesmente não existe outra Eva ou outra Criatura senão Julia “Aviyrá” e Lucas “Kolfur”. Não existiria curta-metragem sem as garotas da direção de arte, foto, trilha e edição, sem a equipe que abriu espaço em uma rotina apertada para oferecer qualquer apoio possível. É um esforço coletivo dos alunos deste curso, e esperamos que o resultado final traga orgulho para todos. Não existe audiovisual se não como construção e experiência coletiva. Ao exibir o curta pela primeira vez para um pequeno grupo que compartilhava o laboratório de edição ou ainda na sala da defesa de banca, oferecemos ainda a experiência coletiva do assistir terror, que consideramos essencial para o florescer de emoções que o gênero oferece. Temos então orgulho e a certeza de que algo foi feito.

Por fim, reconhecemos nossos próprios esforços em dar vida a isto aqui. Um pedaço de nossas almas, contido em 16 minutos e relatado em muitas páginas. Já é um orgulho para nós ao entregarmos esta obra. Acreditamos que o resultado faz jus com a proposta, utilizando de todo seu referencial teórico e, esperamos, sendo representativo para os movimentos que buscamos.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÁNEPA, Laura L. **Horror juvenil brasileiro. O caso do slasher movie Shock!** Cinémas d'Amérique latine [En ligne], 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cinelatino/1961>. Acesso em: 04 nov. 2025.

CARROLL, Noël. **A filosofia do horror ou paradoxos do coração**. Campinas: Papirus, 1999.

CREED, Barbara. **The Monstrous-Feminine: Film, Feminism, Psychoanalysis**. New York: Routledge, 1993.

CLOVER, Carol J. **Men, Women and Chainsaws: Gender in the Modern Horror Film**. Princeton: Princeton University Press, 1992.

MACHADO, A. **O Sujeito na Tela**. Modos de Enunciação no Cinema e no Ciberespaço. São Paulo: Paulus, 2007.

MULVEY, Laura. **Visual and Other Pleasures**. Bloomington : Indiana University Press, 1989.

PRINCE, Stephen. **The Horror Film**. New Brunswick: Rutgers University Press, 2004.

10. ANEXOS

Anexo 1: Roteiro completo

1. INT. QUARTO DE DOMI - DIA

FADE IN

As lentes de uma filmadora de mão antiga captura momentos íntimos, trechos desconexos de uma conversa, sem revelar seus rostos.

CRÉDITOS ELENCO

ALICE conta uma história enquanto apaga um cigarro num cinzeiro ao lado de uma caixinha de bijuterias. Ela enrola os dedos ao redor de algumas correntes.

ALICE

Ela falou sobre como
"fumar é ser escravo
do desejo", e eu disse
"bom, tem coisas
piores pra se ser
escravo". Aí ela disse
alguma revelação
freudiana sobre
colocar na boca e
chupar, e então eu
realmente tive que
rir.

CRÉDITOS ELENCO

De frente a um guarda-roupas aberto, a câmera passa pelo corpo de PÉROLA que, de costas, fala enquanto examina roupas e as joga pelo chão.

PÉROLA

Eu não estou dizendo
que eu sou inocente.
Ou que nunca me fiz de
inocente. O que estou
dizendo é que aquela
menina é tchonga,

coitada, com ela não
tem o que se fazer.
Ei, eu sabia que essa
blusa minha tava aqui!

CRÉDITOS ELENCO

Latas de cerveja, energético e garrafas de chopp de vinho estão espalhadas por diversas superfícies do quarto. A mão de DOMI pega uma garrafa. DOMI usa um colar. A mão de EVA pesa latas. As duas conversam.

DOMI

Por que você se
importa com isso
mesmo?

EVA

Eu não me importo...
muito. Vocês acham que
estou sendo, sei lá,
mesquinha?

DOMI

Não, acho que aquele
cara foi criado por
uma gangue de
cachorros de rua.

EVA

Ah sim, diferente de
mim, que fui criada
por cadelas.

Ouve-se a risada de todas. DOMI, rindo, bate nela de leve com a garrafa, que EVA pega pra dar um gole. Elas saem do enquadramento da câmera.

CRÉDITOS DIREÇÃO E PRODUÇÃO

CARTELA DE TÍTULO

ALICE ajeita a câmera, mostrando um colchão no chão, onde EVA está sentada bebendo e segurando um

bichinho de pelúcia, do lado de uma cama, com DOMI sentada trançando os cabelos da outra. EVA fala algo, gesticulando com as mãos.

EVA

O problema, e
infelizmente talvez a
única coisa relevante
da questão, é que eu
acho sim que deixo me
levar por fantasias.
Na verdade, acho que
penso em sexo o tempo
todo. Vocês deviam me
sacrificar.

DOMI sorri enquanto revira os olhos e tenta fazer a garota ficar parada.

DOMI

Eva, não tem divindade
para a qual eu deseje
te perder.

ALICE

Ou que te aceite.

EVA sorri e mostra o dedo do meio para a câmera.

ALICE

Estou dizendo como uma
coisa boa!

PÉROLA começa a falar algo e ALICE vira a câmera para ela. Ela está agora se olhando de frente a um espelho e bebe energético, sorrindo como quem sabe que vai falar besteira,

PÉROLA

Você deveria concordar
comigo então. A melhor
forma de se ter, de

ser desejada, é não
ter que pedir.

A câmera então varia entre as meninas. EVA e DOMI se entreolham.

EVA

Será que você não diz
isso porque não se
sente à vontade para
pedir?

PÉROLA

Não, essa é você, a
dona de toda a culpa.

EVA joga o bichinho de pelúcia na menina, que dá risada e finge cair dramaticamente no chão.

EVA

Esqueci, você é só
bonita demais para ser
tocada!

PÉROLA imita uma mesura.

ALICE vira a câmera para si mesmo, rindo, enquanto ainda se ouve as outras meninas no fundo.

DOMI

Acho que vocês tem
algo contra a ideia de
simplesmente serem
inocentes. Mas todo
mundo tem direito à
inocência,
independente de
qualquer coisa.

ALICE apoia a câmera em algum lugar e acende mais um cigarro. Bebe um gole de cerveja e dá uma tragada dramática, e em seguida tosse. Quando ela tosse, pode-se ouvir uma respiração pesada no fundo.

2. EXT. PARQUE - DIA

ALICE liga a câmera virada para si mesma, dá uma piscadinha e vira para as outras. É um dia ensolarado e as meninas estão deitadas em uma canga, próximas às árvores mais fechadas. O dia parece tranquilo. PÉROLA está tomando sol enquanto fala.

PÉROLA

Esse tipo de paz
talvez a gente só
tenha quando morrer.
Não é bonito?

DOMI

Estou bem em paz viva,
obrigada.

EVA levanta o corpo subitamente, parecendo muito séria.

EVA

Será que eu vou morrer
virgem?

As meninas riem. PÉROLA se senta ao lado dela.

PÉROLA

O fim do mundo! Você
acha que isso faz a
morte parecer mais ou
menos bela?

E então abraça a amiga e tenta lhe dar beijinhos no rosto. A outra tenta desviar, rindo. DOMI levanta seus óculos escuros e ALICE vira a câmera para ela.

DOMI

Ninguém se importa de
verdade com isso,

sabe? Eva, você pensa demais.

ALICE

As pessoas se importam sim, porque dá pra ver quando você tá frustrada. Mas a melhor parte não é ter, é ir atrás.

DOMI

Olha, eu gosto bastante do ter.

ALICE

Mais do que a busca?
Mais do que a caça?

DOMI sorri e tenta derrubar ALICE. A câmera fica no chão, apontada para as árvores, e dá um glitch.

3. EXT. RUA - DIA

ALICE liga a câmera enquanto pedala na bicicleta. Mostra PÉROLA ao lado, que acena. Mais a frente na rua, estão EVA e DOMI. ALICE grita para elas.

ALICE

LOBOS EM PELE DE
CORDEIRO!

Elas olham para trás e gritam em resposta.

EVA E DOMI

CORDEIROS EM PELE DE
LOBO!

Mais ao longe na rua, parece ter alguém.

PÉROLA

Às vezes lobos são só
lobos. E ovelhas são
só ovelhas.

4. EXT. TRILHOS DE TREM - DIA

ALICE liga a câmera. Ela e as outras estão andando em trilhos de trem em algum lugar afastado.

EVA

Eu menti pra estar
aqui. Teoricamente,
estou na igreja.

ALICE

Amém.

PÉROLA e ALICE riem, mas DOMI parece preocupada e para de andar por um momento.

DOMI

Não sei se acho isso
engraçado. Você tem 19
anos, não devia ter
que mentir.

EVA desfaz o sorriso e parece tensa.

EVA

Eu não acho que vá ser
assim pra sempre. E
não precisa ficar
preocupada comigo.

As outras garotas agora também parecem preocupadas. Tem algo de triste em DOMI, que segura o ombro de EVA.

DOMI

É claro que eu fico
preocupada. Eu acho

que você devia fazer
algo, mas tenho medo
de que faça e esse
algo seja só sumir.

EVA abraça a amiga.

EVA

Eu não vou sumir.
Nenhuma de nós vai.

PÉROLA se junta ao abraço, depois ALICE. Elas ficam um momento assim e voltam a andar. A câmera está apontada para os trilhos.

ALICE

Eu sinto que nada de
verdadeiramente ruim
pode acontecer com a
gente.

5. EXT. TRILHOS DE TREM - DIA

Uma figura está parada nos trilhos do trem. Poderia ser um homem, poderia não ser. É uma coisa, uma CRIATURA. Completamente coberto, usa botas e uma máscara. Brinca com uma faca de caça nas mãos. Seus movimentos são ágeis, apesar de pesados, não são lentos como se esperaria. São quase elegantes.

INSERT - O QUARTO DE DOMI DURANTE A NOITE, COM AS MENINAS DORMINDO, O VIDRO DA JANELA EMBAÇADO COMO SE ALGUÉM TIVESSE RESPIRADO PRÓXIMO A ELE

INSERT - A BOTA DA CRIATURA QUEBRA GALHOS ANDANDO PELO PARQUE

INSERT - A CRIATURA ESTÁ PARADA NA RUA, OS SONS DAS MENINAS AO LONGE

A criatura começa a andar pelos trilhos.

6. INT. QUARTO DE DOMI - DIA

O quarto tem menos latas e garrafas espalhadas hoje. DOMI e EVA estão sentadas na cama, EVA com as pernas por cima da outra. PÉROLA e ALICE estão no colchão. ALICE está vendo as gravações da própria câmera enquanto fuma. PÉROLA e EVA estão fazendo as unhas.

PÉROLA

Que tal um roxo, pra
variar? Ou vermelho,
um pouco de violência,
um pouco de
vivacidade.

EVA

É... Acho que vai ser
preto.

PÉROLA revira os olhos e passa o esmalte preto. EVA pega e se inclina para pedir um trago para ALICE, sem falar nada. ALICE passa o cigarro.

ALICE

Cara, tem umas coisas
meio estranhas nas
últimas gravações.

DOMI

Deve estar vendo coisa
de ficar fumando
qualquer porcaria.

EVA

Deixa eu ver.

PÉROLA

Eu também quero ver!

Todas se amontoam ao redor de ALICE. EVA é a que parece mais receosa, DOMI a mais cética, mas todas estão muito curiosas.

DOMI

É um glitch, coisa do vídeo. A câmera deve fazer isso às vezes.

ALICE

Não, a minha câmera não tá inventando essa pessoa aqui no fundo não.

PÉROLA

Parece fantasma...

EVA

Uma assombração.
Estamos sendo
perseguidas pelos
nossos pecados.

Ela diz isso séria, mas ri em seguida, e as outras riem com ela.

ALICE

Eu acho que é algo corpóreo seguindo a gente. Caçando a gente. Um stalker.

Ela fala com um tom tentando assustar, e as meninas sorriem com medo e excitação.

PÉROLA

Uau, viramos
celebridades!

DOMI

Ele está no canto do seu campo de vista, grande e ameaçador. Mas nunca em foco.

Você sente que te
espia. Vai vir até
você.

DOMI faz cócegas em EVA, que ri e segura seus
pulsos.

EVA

Ele? É um homem?

ALICE

Poderia ser, mas a
gente não sabe. Para
nós, é uma Coisa.

PÉROLA

Vamos ser caçadas? Vai
ter sangue?

DOMI

Não necessariamente
precisa ter sangue.

ALICE

Ah, mas como você pode
ter certeza que
aconteceu se não tiver
sangue?

Elas agora riem de uma forma tensa, excitada, meio
maníaca. EVA tenta se controlar.

EVA

Eu acho que preferia
um fantasma. Acho
possessão mais legal.

E volta a rir. A câmera se volta para a janela.

7. EXT. TRILHOS DE TREM - DIA

ALICE está sozinha sentada próxima aos trilhos do trem. Ela acende um cigarro enquanto grava a si mesma, mas não estamos vendo pelas suas lentes. A CRIATURA começa a andar e percebe-se que estávamos por detrás de seu ombro, do outro lado dos trilhos. ALICE percebe a aproximação e sorri e acena, sem transparecer medo, quase num flerte.

ALICE

Oi, tudo bem? Legal o
seu... acessório de
cabeça. Tá precisando
de alguma coisa?

A CRIATURA continua andando na direção dela, então ALICE levanta, joga o cigarro no chão e pisa nele. Seu isqueiro está no bolso da frente. A câmera está no chão. Ela ainda está sorrindo.

ALICE

Algum problema?

A CRIATURA puxa a faca de caça, mas não parece acelerar o passo.

ALICE demonstra confusão, e então algum terror, uma sensação que parece pouco familiar para ela, passa pelo seu rosto.

ALICE

Ah... Eu não tava me
preparando pra esse
tipo de atividade
hoje.

Ela começa a correr para o lado oposto da criatura, se afastando dos trilhos, mas percebe que deixou sua câmera, então tenta voltar para pegar.

Ela agarra a câmera no chão, mas um corte da faca faz com que ela solte. Ela cai sentada, a sombra da figura cobrindo-a. Recua de mais um golpe, puxa e acende o isqueiro, segura a mão faca e acende para queimar. A CRIATURA solta um grunhido, um uivo

contido, e larga a faca com um movimento brusco. ALICE dá um chute e a CRIATURA cai.

A faca está agora nos trilhos do trem. ALICE engatinha rapidamente até ela, se esticando, grunhindo, com desespero, raiva, ódio. Mas a CRIATURA dá um chute na lateral de seu corpo e ela cai de barriga para cima, em cima dos trilhos. A CRIATURA pressiona a bota contra seu pescoço.

8. EXT. RUA - DIA

DOMI e EVA estão cada uma de um lado de PÉROLA, sentadas na calçada, as bicicletas encostadas. PÉROLA segura a câmera de Alice. Sua maquiagem parece borrada e seus olhos estão inchados. DOMI e EVA estão tensas. EVA está sem maquiagem.

PÉROLA

Estava nos trilhos do
trem, eu só achei
isso. Ela quebrou e
não dá pra ver os
vídeos, mas dá... dá pra
ouvir e...

Ela esconde o rosto entre as mãos, apoiada nos joelhos, se esforçando para engolir o choro. DOMI a abraça. EVA aperta seu braço para transmitir conforto.

DOMI

O que dá pra ouvir,
Pérola?

Ela diz com delicadeza. PÉROLA descobre o rosto e o ergue para cima, encarando o céu.

PÉROLA

Eu acho que consigo
ouvir ela gritando no
fundo... é abafado, é

confuso, não é nem
exatamente um grito,
mas... eu não sei.

Ela volta a encarar o chão. DOMI fala devagar.

DOMI

Eu acho que se a Alice
estivesse com algum
problema, ela teria
falado.

PÉROLA

É... é o tipo de coisa
que ela fala pra gente
mesmo.

DOMI

O que eu acho que ela
não teria avisado é se
ela tivesse um impulso
de passar uns dois
dias fora, assim, uma
ideia daquelas que ela
tem do nada.

EVA

Mas e aquela coisa que
a Alice diz que viu na
câmera? E se for
alguém mesmo e estava
seguindo ela? E se for
atrás de outra de nós?

EVA transparece mais raiva do que tristeza. A ideia
do que diz lhe revolta. PÉROLA tenta esconder o
rosto mais uma vez e DOMI impede. Ela sorri de forma
fraca enquanto abraça mais a amiga.

DOMI

Eva, meu bem, você tá
assustando a Pérola.

Nenhuma de nós estava falando sério sobre os vídeos. Alice não é presa fácil pra alguém tentar se meter com ela. Vem cá, Pérola.

Eu não acredito na catarse da tragédia. É muito mais provável que ela tenha ido numa pequena aventura e a câmera tenha caído da bolsa. Não tinha nada junto, nem isqueiro, nem cigarro, nem cerveja e nem bicicleta. Ela vai voltar logo.

PÉROLA ouve atentamente e parece ficar mais calma, e até força um sorriso.

PÉROLA

Que rude dela não
chamar a gente.

DOMI

Muito rude.

EVA tem a expressão mais relaxada agora, mas não sorri como as outras.

EVA

Só uns dois dias, né?

DOMI

Acho que sim, uns dois
ou três.

EVA

Mais do que isso a
gente faz alguma
coisa.

PÉROLA se levanta, ajeitando a saia.

PÉROLA

Acho que vou pra casa,
gente. Limpar o rosto,
dormir um pouco. Me
preocupando assim vou
ficar com rugas.

EVA finalmente ri um pouco, segurando a mão de DOMI,
que também ri.

EVA

Oh, o horror!

PÉROLA sorri, mas então deixa a expressão cair um
pouco. Ela estende a mão segurando a câmera.

PÉROLA

Será que alguma de
vocês pode ficar com
isso? Se não vou ficar
ouvindo...

EVA pega a câmera.

EVA

Se cuida, okay?

DOMI

Por favor.

PÉROLA faz que sim com a cabeça. Sorri, pega a
bicicleta e sai acenando.

Ela pedala tranquila para longe das meninas, se
afastando. Então ela ouve alguma coisa, uma espécie
de rosnado. Ela para e olha ao redor, preocupada.
Ela volta a pedalar rápido, olhando por cima dos

ombros, sem olhar para a frente... Até se deparar com a CRIATURA, criando sombra, impedindo seu caminho, segurando a faca de caça. PÉROLA sorri, tensa. Quase em um flerte. Ela tenta virar a bicicleta.

PÉROLA

Ai, que encontro
clichê.

Tentando virar, ela cai. Ela se esforça para tentar levantar, uma expressão selvagem que ela não costuma ter. A CRIATURA puxa um de seus tornozelos e ela tenta chutar com a outra perna. Dessa vez a criatura desvia. PÉROLA começa a gritar, tentando chamar a atenção de alguém. Mas a CRIATURA a segura pela nuca e bate seu rosto no chão. Uma. Duas. Três vezes. O rosto de PÉROLA sangra. Ainda assim, ela é bela.

9. INT. QUARTO DE DOMI - NOITE

O quarto está escuro, iluminado por velas. Nenhuma lata, nenhuma garrafa. Sem colchão no chão. Só DOMI e EVA sentadas juntas na cama, dividindo um mesmo cobertor. Elas têm uma aparência de quem chorou. EVA está roendo o próprio esmalte.

EVA

Nenhuma notícia de
nenhuma das duas.
Ninguém sabe nada.
Ninguém parece ligar,
na verdade.

DOMI

Não, ninguém liga para
garotas como a gente.
Ou garotas em geral,
acho.

DOMI segura as mãos de EVA e as beija.

DOMI

Mas nós nos
importamos. Eu me
importo, Eva. Nenhuma
de nós vai sumir de
verdade, porque nós
nos importamos. Eu não
vou deixar você sumir.

EVA beija as mãos de DOMI.

EVA

Eu não vou deixar
vocês sumirem, Domi.

EVA toca no colar de DOMI. As duas se deitam.

10. EXT. PARQUE - DIA

DOMI está deitada em uma canga, usando óculos escuros, tomando sol. A sombra da CRIATURA a cobre.

DOMI

Eva?

DOMI se senta e levanta os óculos. Vendo quem é, revira os olhos com desdém.

DOMI

Ah, é você.

TELA PRETA

Se ouve um grito abafado de DOMI.

11. EXT. RUA - DIA

EVA pedala com pressa pela rua. Seu cabelo está desarrumado, sem as tranças que Domi fazia, ela não usa maquiagem, está pálida e com olheiras. Sua expressão é completamente transtornada.

Como se pela câmera de Alice nos olhos de EVA, vemos ela segurando o guidão e o colar ensanguentado de Domi.

INSERT - CORTES DE EVA NO QUARTO DE DOMI SOZINHA. SEGURANDO OS PRÓPRIOS JOELHOS CHORANDO SENTADA NO CHÃO. BEBENDO CERVEJA ANDANDO PELO QUARTO. FUMANDO. BEBENDO ENERGÉTICO. ABRAÇANDO O BICHINHO DE PELÚCIA SENTADA NA CAMA. SE OLHANDO NO ESPELHO. ROENDO O ESMALTE DA UNHA. SE QUEIMANDO COM O CIGARRO. DESFAZENDO AS TRANÇAS. ARRANCANDO A CABEÇA DO BICHINHO DE PELÚCIA. RINDO. ATUA ENTRE UMA TRISTEZA PARALIZANTE, UM ÓDIO QUE NÃO LHE CABE NO CORPO, A NECESSIDADE DE AGIR PELA FALTA, O SIMPLES SURTO.

Sem mais ser pelo olhar de EVA, vemos ela parando. Seu olhar é atônito. Ela deixa a bicicleta no chão e coloca o colar no pescoço. Chegou ao destino.

12. INT. COVIL DA CRIATURA - DIA

EVA fecha a porta atrás de si, entrando numa sala escura, iluminada por luzes vermelhas. Ela anda com cuidado e é difícil ter noção da dimensão do lugar, ao mesmo tempo que ele parece opressivo. Tem correntes e cordas penduradas, tapadeiras em lugares estranhos, caixotes de madeira, alguns crânios e dentes de animais, coisas embrulhadas em sacos de lixo, manchas grudentas no chão, grades de arame. Ela encontra a faca de caça, suja, em cima de um dos caixotes, e leva consigo.

Ela anda até uma mesa com bandejas de revelação de foto, com um pequeno varal em cima. EVA percebe, horrorizada e fascinada, que as fotos reveladas mostram ela e suas meninas, juntas e separadas. Entre as fotos, mechas de cabelo, que ela, em agonia, faz questão de tirar dali e guardar no próprio bolso.

A CRIATURA então aparece por trás e, se é que isso é possível, seu andar é arrogante. EVA se vira para aquilo e recua um passo, mas então muda de ideia e dá dois passos pra frente, segurando a faca. Ela

espera que a CRIATURA se aproxime. A mão da garota treme, e poderia ser de medo, mas ela sabe que é excitação.

Quando a CRIATURA se aproxima o suficiente, EVA avança, um pequeno uivo, cortando o ar duas vezes, ira cega, AQUILO desviando e batendo em uma tapadeira, também grunhindo. EVA é empurrada de volta contra a mesa, e empurra as bandejas na direção da CRIATURA e tenta dar a volta. Uma de cada lado da mesa, a CRIATURA se inclina para pegá-la, a mão indo em direção ao pescoço da menina. Ela faz um ataque com a faca, a COISA recolhe a mão, sangrando.

EVA corre pelo ambiente, derrubando caixotes, a CRIATURA atrás dela. EVA some por um momento e a CRIATURA parece confusa. EVA aparece por trás e tenta colocar a faca contra o pescoço da CRIATURA. Embora parecesse muito maior que as outras meninas, AQUILO tem a altura equilibrada com EVA. Mas a CRIATURA segura seus braços e dá um jeito de jogá-la contra a parede. EVA grita e fica atordoada por apenas um momento, mas é o suficiente para que a COISA segure seus pulsos, tentando pegar a faca. EVA dá um chute, e acerta, a CRIATURA recua. A blusa de EVA foi rasgada e ela está com o rosto sangrando. A garota dá um soco com a mão sem a faca e um ataque com a outra. Estão arfando, estão gemendo, estão grunhindo. EVA poderia rosnar. A CRIATURA perdeu a parte inferior da máscara e agora é possível ver sua boca, também sangrando. Sua expressão é quase um sorriso. Se vê o mesmo no rosto de EVA.

A CRIATURA avança para outro lado, puxa uma corrente pendurada, fazendo um barulho pesado, e tenta atacar EVA. Acerta a primeira vez, EVA sentindo dor, mas da segunda ela segura a corrente e usa para puxar a CRIATURA, que larga a corrente e segura seu pescoço.

Começando a perder o ar, EVA empurra a CRIATURA, que cai sentada numa cadeira. EVA fica por cima, como que sentada em seu colo. Ambas as figuras parecem destruídas em uma espécie de êxtase. Perdendo o ar, EVA vai jogando a cabeça para trás, fechando os olhos. Ela segura as costas da CRIATURA e enfia a

faca em seu ventre. Sangue mancha a mão dela e ela deixa a faca lá. Leva sua mão até o rosto da CRIATURA, que está sangrando mais pela boca enquanto sorri. EVA passa seus dedos pelos lábios manchados. Tudo fica escuro.

13. EXT. PARQUE - NOITE

É como se fosse uma gravação da câmera de Alice, mas nos olhos de EVA. Ela os abre e vê DOMI, como se estivesse deitada no colo dela. DOMI tem um sorriso discreto no rosto.

DOMI pega a câmera e coloca na frente das duas, enquadrando-as. EVA usa roupas limpas e seu cabelo está arrumado, mas ainda está suja de sangue.

EVA

Eu falei que não ia
deixar você sumir.

Ela fala com afeto e alguma melancolia. DOMI sorri mais.

DOMI

Eu prometi que a gente
não ia sumir.

EVA se permite sorrir.

EVA

Tem sangue e... Ah, eu
sou tão terrível
quanto vocês.

DOMI ri um pouco.

DOMI

Você não sabia? Talvez
seja até um pouco
pior.

EVA

Ninguém liga.

DOMI

Mas você liga.

EVA segura o rosto da outra menina com delicadeza.
DOMI se inclina mais sobre ela. Elas se beijam.

FADE OUT

CRÉDITOS FINAIS

FIM.

Anexo 2: Ficha de personagens

Ficha de personagem

Nome: Eva

Idade: 19

Aparência física: Os cabelos compridos são arrumados com tranças pela amiga Domi. Usa pouca maquiagem, lápis de olho, rímel e gloss. Ela tem a postura meio tensa, como se sua tendência fosse se curvar e ela se esforçasse para lutar contra. Usa cores neutras, como branco, preto, cinza, e marrom. As texturas variam em jeans e detalhes de renda. Usa sempre as mesmas botas e muitas vezes um cinto combinando. As unhas estão sempre arrumadas.

O que a personagem quer: Eva deseja se encontrar, se sentir encaixada, sentir que não está vivendo com medo. E sexo.

O que a impede de conseguir o que quer: Eva foi criada de forma religiosa, o que afeta sua relação consigo mesma, com as outras meninas, com sexo. Faz ela ter medo, culpa.

Onde e com quem ela mora: Interior de São Paulo. É entendido que Eva mora com os pais e que, apesar de ser maior de idade, está sob regras que afetam ela e com frequência precisa mentir pra sair.

Características emocionais principais: Embora seja insegura por causa da criação religiosa, com frequência sentindo medo, vergonha e culpa, Eva tem boa noção de quem, ou o que, ela é. Ela é como as outras meninas, ao mesmo tempo que se entende como

“esquisita”. Ela tem força, senso de justiça, grandes opiniões e uma tendência violenta, um fascínio, que prefere suprimir, então em outros lugares costuma evitar conflito. Às vezes fala demais. Se preocupa muito. Tem uma inocência que a envergonha, como se não tivesse direito a ela e fosse prova de algo ruim. Tem vontade de se sentir encaixada e ao mesmo tempo livre. É virgem, no sentido de penetração, e isso é algo grande pra ela, embora não quisesse que fosse e já tenha tido outras experiências. Só bebe das bebidas das outras meninas. Pensa muito em sexo e pensa muito que pensa muito em sexo.

Relação com as outras personagens: Eva ama suas amigas Domi, Pérola e Alice. Elas simbolizam o único lugar onde pode pelo menos tentar se ajustar. Pérola e ela frequentemente se provocam, provavelmente pela abordagem oposta que elas tomam. Nutre por Domi algum tipo de paixão que parece tão natural que talvez fosse besteira tentar fazer disso algo muito escandaloso e estragar tudo.

Qual o maior medo da personagem?: Eva tem medo de não se encaixar, não sentir que está vivendo, de morrer virgem e principalmente de si mesma.

Como ela se vê e como é vista pelos outros?: Eva varia entre se ver como uma espécie de força da natureza a ser controlada e a criatura mais patética que já pisou na Terra. Pérola e Alice a enxergam como um temperamento forte atrapalhado por nervosismo, uma garota que facilmente poderia sair de onde está se realmente tentasse. Domi acha que precisa proteger ela, mesmo que no fundo saiba que Eva não precisa de proteção.

Como se modifica durante a trama?: Eva vai perdendo a sanidade e o controle de si mesma com a perda de suas meninas e do lugar onde se sente mais à vontade. Isso é visto no seu físico no fim da história. Ela tem um fascínio pela criatura desde o começo, como se o perigo lhe chamasse, mas a tentativa de fazer o “certo” a impede de agir antes. Quando finalmente enfrenta a criatura, deixa de se sentir presa para ser a caçadora e pode realizar seu desejo por violência, deixando a culpa de se sentir inocente. Finalmente pode se sentir encaixada e livre.

Ficha de personagem

Nome: Domi

Idade: 19

Aparência física: Domi usa cores escuras combinadas com acessórios em tons vibrantes, principalmente de azul. Usa sempre o mesmo colar. Usa um batom escuro.

O que a personagem quer: Domi gostaria que nada de mal nunca acontecesse, que a vida pudesse simplesmente ser boa, que possivelmente pudesse estar em um lugar melhor com suas meninas e que Eva pare de se preocupar demais.

O que a impede de conseguir o que quer: A vida não é tão boa assim.

Onde e com quem ela mora: Interior de São Paulo. Não é relevante com quem ela mora, mas é na casa delas que as meninas costumam se reunir.

Características emocionais principais: Domi é calma, ponderada e bem-humorada. É talvez a mais afiada das garotas, depois de Alice. Se preocupa muito com o bem estar de outras pessoas, quase controladora. Não gosta de garotos e não liga pra eles. Gosta de beber chopp de vinho.

Relação com as outras personagens: Domi ama suas meninas. Se alguém perguntasse, responderia feliz que é apaixonada pela existência de Eva, mas ninguém parece sentir a necessidade de perguntar.

Qual o maior medo da personagem?: Domi tem medo de que as coisas boas que a cercam se desfaçam. Tem medo de perder suas meninas, que Eva suma.

Como ela se vê e como é vista pelos outros?: Domi sabe com clareza quem é, mas talvez seja vista como algo até maior pelas outras meninas.

Como se modifica durante a trama?: Domi é obrigada a entender que tudo não pode estar bem sempre, que ela não tem o controle sobre tudo e que não pode proteger Domi sempre. Quando ela encontra a criatura ela entende isso, quase com desprezo ou cansaço, e aceita seu destino.

Ficha de personagem

Nome: Alice

Idade: 19

Aparência física: Alice usa cores vibrantes, muitos acessórios de cristais e contas, tem uma bolsa icônica e carrega sempre uma câmera com muitos adesivos.

O que a personagem quer: Alice deseja fortes emoções, coisas novas a serem sentidas e compartilhadas, uma vida que valha a pena o esforço.

O que a impede de conseguir o que quer: O ambiente parece pouco propício para emoções demais.

Onde e com quem ela mora: Interior de São Paulo, não importa com quem.

Características emocionais principais: Alice é descontraída, intensa, generosa e muito afiada. Gosta de manter registros, gravar tudo e de explorar novos lugares. Bebe cerveja e fuma muito, acreditando em viver o agora.

Relação com as outras personagens: Alice ama cada uma de suas meninas e quer tirar o melhor delas, quer que elas também tenham novas experiências.

Qual o maior medo da personagem?: Sentir que não viveu o suficiente e ser esquecida.

Como ela se vê e como é vista pelos outros?: A opinião interna e externa concorda em sua vivacidade, mas Alice tende a achar que não tem medo de nada, e as meninas temem por ela e que talvez nada seja o suficiente.

Como se modifica durante a trama?: Alice morre como vive, e não se arrepende.

Ficha de personagem

Nome: Pérola

Idade: 19

Aparência física: Pérola é muito vaidosa e perfeccionista, com a maquiagem e as unhas sempre feitas, usando saias rodadas.

O que a personagem quer: Pérola quer ser vista, quer se sentir desejada, quer que sua aparência seja perfeita, quer a tragédia por sua beleza.

O que a impede de conseguir o que quer: Nenhuma atenção parece o suficiente para Pérola, e talvez atenção demais a sufoque.

Onde e com quem ela mora: Interior de São Paulo, não importa com quem.

Características emocionais principais: Pérola é passional, astuta e provocadora. Tem um talento para drama. Gosta de falar coisas pra causar choque. Um tanto obcecada com a própria aparência. Ama aparecer na câmera de Alice. É virgem, mas a forma como isso importa pra ela é quase que oposta de Eva; Pérola acha quase divertido, provocativo, e pra ela é mais importante ser desejada do que ser tocada. Bebe só energético.

Relação com as outras personagens: Pérola ama suas meninas, gosta de provocar Eva e é meio encantada por Alice.

Qual o maior medo da personagem?: Que sua aparência não seja perfeita, não ter atenção o suficiente, viver de uma forma superficial.

Como ela se vê e como é vista pelos outros?: Pérola sabe quem é, mas às vezes acha que é bonita demais para ser tocada, e outras que sua preocupação com a aparência é uma prisão. As garotas certamente a veem como preocupada demais, e Eva pode achar irritante, mas não de uma forma ruim.

Como se modifica durante a trama?: Pérola morre pelo desejo, pela obsessão. Mas ao ter seu rosto desfigurado, ela não se torna menos bela, sendo abençoada pela tragédia.

Anexo 3: Decupagem de foto

CENA	PLANO	LOCAÇÃO	DESCRIÇÃO DA CENA	MOVIMENTO E ÂNGULO	OBSERVAÇÃO
1	1	Quarto de Domi	Momentos íntimos, trechos desconexos de uma conversa, sem revelar seus rostos.	Inserts acompanhando movimentações	Filmadora
1	1.1	Quarto de Domi	ALICE conta uma história enquanto apaga um cigarro num cinzeiro ao lado de uma caixinha de bijuterias e fala de Alice	Frontal próximo, Acompanhando movimento de Alice	Filmadora
1	1.2	Quarto de Domi	De frente a um guarda-roupas aberto, a câmera passa pelo corpo de PÉROLA que, de costas, fala enquanto examina roupas e as joga pelo chão	Próximo, Câmera passando pelo corpo e acompanhando os movimentos de mão	Filmadora
1	1.3	Quarto de Domi	Latas estão espalhadas por diversas superfícies do quarto. A mão de DOMI pega uma garrafa. DOMI usa um colar. A mão de	Próximo, começa mostrando as latas e acompanha o movimento de Domi, sobe até o colar e se afasta para	Filmadora

			EVA pesa latas. As duas conversam.	mostrar ela e EVA, estática até saírem do enquadramento	
1	1.4	Quarto de Domi	ALICE ajeita a câmera, mostrando um colchão no chão, onde EVA está sentada, do lado de uma cama, com DOMI sentada. EVA fala algo, gesticulando com as mãos...	Médio, leve contra-plongée, movimentos acompanhando o diálogo	Filmadora
1	1.4.1	Quarto de Domi	ALICE vira a câmera para si mesmo, enquanto ainda se ouve as outras meninas no fundo...ALICE apoia a câmera em algum lugar e acende mais um cigarro. Bebe um gole de cerveja e dá uma tragada dramática, e em seguida tosse	Câmera vira pro rosto de Alice simulando a mão dela, se mantém nela durante o diálogo, e depois é apoiada na mesa - estático próximo	Filmadora
2	2.1	Parque	ALICE liga a câmera virada para si mesma, dá uma piscadinha e vira para as outras. É um dia ensolarado e as meninas estão deitadas em uma canga...	Câmera simulando mão de Alice virada para ela, depois se vira para um próximo das garotas deitadas, acompanha os movimentos nas falas	Filmadora
2	2.2	Parque	DOMI sorri e tenta derrubar ALICE. A câmera fica no chão, apontada para as árvores, e dá um glitch.	Câmera no chão, estática	Filmadora
3	3.1 e 3.2	Rua	ALICE LIGA A CÂMERA ENQUANTO PEDALA NA BICICLETA. Mostrando quem está falando - Mais ao longe na rua, parece ter alguém.	Câmera na mão em cima da bicicleta, câmera acompanhando as falas das meninas - plano aberto pegando a	Filmadora

				criatura	
4	4.1	Trilhos de Trem	ALICE liga a câmera. Ela e as outras estão andando em trilhos de trem em algum lugar afastado. Diálogo. PÉROLA se junta ao abraço, depois ALICE. Elas ficam um momento assim e voltam a andar. A câmera está apontada para os trilhos.	Plano próximo, Câmera transitando entre quem está falando, se junta no abraço e depois foca nos trilhos	Filmadora
5	5.1	Trilhos de Trem	Uma figura está parada nos trilhos do trem.	Plano aberto, estático	DSLR
5	5.2	Quarto de Domi	Meninas dormindo	Médio, mostrando elas e a janela	DSLR
5	5.2.1	Quarto de Domi	Janela embaçada	Plano próximo	DSLR
5	5.3	Parque	Bota da criatura quebra galhos andando pelo parque	Plano próximo das botas, acompanhando o caminhar	DSLR
5	5.4	Rua	Criatura parada na rua	Plano aberto	DSLR
5	5.1.1	Trilhos de trem	Criatura começa a andar	Plano aberto, conjunto com plano 1	DSLR
6	6.1	Quarto de Domi	O quarto tem menos latas e garrafas espalhadas hoje.	Plano aberto mostrando o quarto inteiro	DSLR
6	6.2	Quarto de Domi	DOMI e EVA estão sentadas na cama, EVA com as pernas por cima da outra.	Plano médio das duas - estático	DSLR
6	6.3	Quarto de Domi	PÉROLA e ALICE estão no colchão. ALICE está vendo as	Plano médio das duas - estático	DSLR

			gravações da própria câmera enquanto fuma.		
6	6.4	Quarto de Domi	PÉROLA e EVA estão fazendo as unhas. Diálogo	Plano próximo das duas - estático	DSLR
6	6.5	Quarto de Domi	PÉROLA revira os olhos e passa o esmalte preto. EVA pega e se inclina para pedir um trago para ALICE, sem falar nada. ALICE passa o cigarro.	Plano médio - lateral - estático	DSLR
6	6.6	Quarto de Domi	ALICE - Cara, tem umas coisas meio estranhas nas últimas gravações.	Plano próximo frontal	DSLR
6	6.7	Quarto de Domi	DOMI - Deve estar vendo coisa de ficar fumando qualquer porcaria. EVA - Deixa eu ver.	Plano próximo frontal das duas	DSLR
6	6.8	Quarto de Domi	PÉROLA - Eu também quero ver!	Plano próximo lateral	DSLR
6	6.9	Quarto de Domi	Todas se amontoam ao redor de ALICE	Plano médio lateral	DSLR
6	6.10	Quarto de Domi	DOMI É um glitch, coisa do vídeo. A câmera deve fazer isso às vezes...toda fala até elas rirem	plano bem próximo enquadrando todas - leve contra plongée, plano se abre quando todas rirem	DSLR
6	6.11	Quarto de Domi	ALICE - Eu acho que é algo corpóreo seguindo a gente.	Plano próximo	DSLR
6	6.12	Quarto de Domi	As meninas sorriem com medo e excitação. Diálogo até Eva segura seus pulsos	Plano médio	DSLR

6	6.13	Quarto de Domi	EVA- Ele? É um homem?	Plano próximo, frontal, contra plongée	DSLR
6	6.14	Quarto de Domi	ALICE- Poderia ser, mas a gente não sabe. Para nós, é uma Coisa.	Plano próximo frontal, contra plongée	DSLR
6	6.15	Quarto de Domi	PÉROLA - Vamos ser caçadas? Vai ter sangue?	Plano próximo frontal, contra plongée	DSLR
6	6.16	Quarto de Domi	DOMI - Não necessariamente precisa ter sangue.	Plano próximo frontal, contra plongée	DSLR
6	6.17	Quarto de Domi	Alice - Ah, mas como você pode ter certeza que aconteceu se não tiver sangue?	Plano bem próximo, lateral	DSLR
6	6.18	Quarto de Domi	Elas agora riem de uma forma tensa, excitada, meio maníaca. EVA tenta se controlar.	Plano médio	DSLR
6	6.19	Quarto de Domi	EVA - Eu acho que preferia um fantasma. Acho possessão mais legal. E volta a rir. A câmera se volta para a janela.	Plano próximo, plongeé, câmera vai do rosto dela para a janela em contra plongeé, fica um tempo na janela	DSLR
7	7.1	Trilhos de Trem	ALICE está sozinha sentada próxima aos trilhos do trem. A CRIATURA começa a andar e percebe-se que estávamos por detrás de seu ombro, do outro lado dos trilhos. ALICE percebe a aproximação e sorri e acena, sem transparecer medo, quase num flerte.	Plano aberto de longe mostrando Alice, estático, começa com uma visão subjetiva da Criatura e depois ela passa na frente da câmera	DSLR

7	7.2	Trilhos de Trem	ALICE - Oi, tudo bem?...Tá precisando de alguma coisa?	Plano médio frontal	DSLR
7	7.3	Trilhos de Trem	A CRIATURA continua andando na direção dela, então ALICE levanta, joga o cigarro no chão e pisa nele. Seu isqueiro está no bolso da frente. A câmera está no chão. Ela ainda está sorrindo. ALICE - Algum problema?	Plano médio frontal	DSLR
7	7.4	Trilhos de Trem	A CRIATURA puxa a faca de caça, mas não parece acelerar o passo.	Plano próximo mostrando a cintura e a faca da Criatura	DSLR
7	7.5	Trilhos de Trem	ALICE demonstra confusão... ALICE Ah... Eu não tava me preparando pra esse tipo de atividade hoje	Plano bem próximo do rosto de Alice	DSLR
7	7.6	Trilhos de Trem	Ela começa a correr para o lado oposto da criatura, se afastando dos trilhos, mas percebe que deixou sua câmera, então tenta voltar para pegar.	Plano médio frontal acompanhando ela correndo, até o momento que ela para e volta atrás	DSLR
7	7.7	Trilhos de Trem	Ela agarra a câmera no chão, mas um corte da faca faz com que ela solte.	Plano próximo do movimento de mãos	DSLR
7	7.8	Trilhos de Trem	Ela cai sentada, a sombra da figura cobrindo-a. Recua de mais um golpe	Plano médio, contra plongeeé	DSLR
7	7.9	Trilhos de Trem	puxa e acende o isqueiro, segura a mão faca e acende para queimar.	Plano próximo	DSLR

7	7.10	Trilhos de Trem	A CRIATURA solta um grunhido, um uivo 11 contido, e larga a faca com um movimento brusco. ALICE dá um chute e a CRIATURA cai.	Plano médio, lateral	DSLR
7	7.11	Trilhos de Trem	A faca está agora nos trilhos do trem.	Próximo, levemente lateral	DSLR
7	7.12	Trilhos de Trem	ALICE engatinha rapidamente até ela, se esticando, grunhindo, com desespero, raiva, ódio. Mas a CRIATURA dá um chute na lateral de seu corpo e ela cai de barriga para cima, em cima dos trilhos.	Próximo, contra plongée, acompanhando o movimento de alice visto de cima	DSLR
7	7.13	Trilhos de Trem	A CRIATURA pressiona a bota contra seu pescoço.	Próximo, lateral	DSLR
8	8.1	Rua	DOMI e EVA estão cada uma de um lado de PÉROLA, sentadas na calçada, as bicicletas encostadas.	Plano médio, frontal, estático	DSLR
8	8.2	Rua	PÉROLA segura a câmera de Alice.	Próximo, mostrando a câmera	DSLR
8	8.3	Rua	Sua maquiagem parece borrada e seus olhos estão inchados. DOMI e EVA estão tensas. EVA está sem maquiagem. Diálogo até a fala de DOMI - O que eu acho que ela não teria avisado...	Plano próximo dos rostos das três, leve movimento de aproximação durante os diálogos	DSLR

8	8.4	Rua	EVA Mas e aquela coisa que a Alice diz que viu na câmara?...	Plano próximo de Alice, contra plongée	DSLR
8	8.5	Rua	PÉROLA tenta esconder o rosto mais uma vez e DOMI impede. Ela sorri de forma fraca enquanto abraça mais a amiga. Diálogo até "Muito rude"	Plano próximo de DOMI e PÉROLA	DSLR
8	8.6	Rua	EVA tem a expressão mais relaxada agora, mas não sorri como as outras. EVA Só uns dois dias, né?	Plano próximo de Eva, lateral, plano e contraplano de diálogo	DSLR
8	8.7	Rua	DOMI Acho que sim, uns dois ou três.	Plano próximo lateral, contraplano de Eva	DSLR
8	8.8	Rua	PÉROLA se levanta, ajeitando a saia. PÉROLA Acho que vou pra casa, gente...até Pérola faz de que sim com a cabeça	Plano médio, frontal	DSLR
8	8.9	Rua	Sorri, pega a bicicleta e sai acenando.	Plano aberto estático até ela sair de quadro	DSLR
8	8.10	Rua	Ela pedala tranquila para longe das meninas, se afastando. Então ela ouve alguma coisa, uma espécie de rosnado. Ela para e olha ao redor, preocupada. Ela volta a pedalar rápido, olhando por cima dos ombros, sem olhar para a frente...	Plano médio, frontal, acompanhando a bicicleta	DSLR (idealmente dentro de um carro, mas damos um jeito)

8	8.11	Rua	Até se deparar com a CRIATURA, criando sombra, impedindo seu caminho, segurando a faca de caça. PÉROLA sorri, tensa. Quase em um flerte. Ela tenta virar a bicicleta.	Plano médio visto por trás da bicicleta, leve contra plongée	DSLR
8	8.12	Rua	PEROLA- Ai, que encontro clichê. Tentando virar, ela cai. Ela se esforça para tentar levantar, uma expressão selvagem que ela não costuma ter.	Próximo, lateral, acompanhando os movimentos	DSLR
8	8.13	Rua	A CRIATURA puxa um de seus tornozelos e ela tenta chutar com a outra perna. Dessa vez a criatura desvia.	Próximo, lateral, plongée	DSLR
8	8.14	Rua	PÉROLA começa a gritar, tentando chamar a atenção de alguém. Mas a CRIATURA a segura pela nuca e bate seu rosto no chão. Uma. Duas. Três vezes. O rosto de PÉROLA sangra. Ainda assim, ela é bela.	Match cut do plano próximo do rosto sendo batido, 3 cortes, contra plongée	DSLR
8	8.15	Rua	PLANO EXTRA Criatura batendo o rosto de Pérola no chão	Lateral médio, cortando o rosto de Pérola	DSLR
9	9.1	Quarto de Domi	O quarto está escuro, iluminado por velas... Só DOMI e EVA sentadas juntas na cama, dividindo um mesmo cobertor. Elas têm uma aparência de quem chorou. EVA está roendo o	Plano começa aberto e se aproxima das duas na cama até chegar nos detalhes de seus rostos e se manter acompanhando os movimentos do	DSLR

			próprio esmalte. Diálogo até o final da cena	diálogo	
10	10.1	Parque	DOMI está deitada em uma canga, usando óculos escuros, tomando sol. A sombra da CRIATURA a cobre. DOMI Eva?	Contra plongée médio	DSLR
10	10.2	Parque	DOMI se senta e levanta os óculos. Vendo quem é, revira os olhos com desdém. DOMI - Ah, é você.	Plano próximo meio lateral, contra plongée	DSLR
11	11.1	Rua	EVA pedala com pressa pela rua.	Plano médio das costas de Eva pedalando	DSLR
11	11.2	Rua	Como se pela câmera de Alice nos olhos de EVA, vemos ela segurando o guidão e o colar ensanguentado de Domi.	Câmera subjetiva, plano próximo	Filmadora (Lindo, como eu vou fazer isso? Prender a filmadora na atriz com algum aparato que irei inventar
11	11.4	Quarto de Domi	INSERT Eva segurando os joelhos chorando	aberto, frontal, contra plongée	DSLR
11	11.5	Quarto de Domi	INSERT Eva bebendo cerveja andando pelo quarto	Próximo, lateral, acompanhando movimento	DSLR
11	11.6	Quarto de Domi	INSERT Eva Bebendo energético	Próximo, lateral	DSLR
11	11.7	Quarto de Domi	INSERT Eva Abraçando bichinho de pelúcia sentada na cama	Próximo, frontal, leve movimento passando do rosto dela pro bichinho	DSLR

11	11.8	Quarto de Domi	INSERT Eva Se olhando no espelho	próximo, lateral, contra plongée	DSLR
11	11.9	Quarto de Domi	INSERT Eva Roendo o esmalte	próximo, focado na boca	DSLR
11	11.10	Quarto de Domi	INSERT Eva Se queimando com cigarro	Próximo, visão de costas	DSLR
11	11.11	Quarto de Domi	INSERT Eva desfazendo as tranças	Próximo, focando nas mãos	DSLR
11	11.12	Quarto de Domi	INSERT Eva arrancando a cabeça do bichinho de pelúcia	Próximo, forte contra plongée	DSLR
11	11.13	Quarto de Domi	INSERT Eva rindo	Próximo, frontal	DSLR
11	11.14	Rua	Sem mais ser pelo olhar de EVA, vemos ela parando. Seu olhar é atônito. Ela deixa a bicicleta no chão e coloca o colar no pescoço. Chegou ao destino.	Plano médio frontal, contra plongée	DSLR
12	12.1	Covil	EVA fecha a porta atrás de si, entrando numa sala escura, iluminada por luzes vermelhas.	Plano médio, frontal	DSLR Apenas silhueta, luz forte atrás
12	12.2	Covil	Ela anda com cuidado e é difícil ter noção da dimensão do lugar,	Plano lateral próximo, acompanhando os movimentos	DSLR Descrição de muitos elementos de arte no roteiro, mas como não é pra ter dimensão do lugar não sei o quando eu deveria valorizar, mas podemos fazer inserts

12	12.3	Covil	Ela encontra a faca de caça, suja, em cima de um dos caixotes, e leva consigo.	Plano próximo, contra plongée	DSLR
12	12.4	Covil	Ela anda até uma mesa com bandejas de revelação de foto, com um pequeno varal em cima.	Plano médio, visto das costas de Eva	DSLR
12	12.5	Covil	EVA percebe que as fotos reveladas mostram ela e suas meninas, juntas e separadas. Entre as fotos, mechas de cabelo que ela, em agonia, faz questão de tirar dali e guardar no próprio bolso.	Plano próximo passando por todas as fotos e parando nas mechas	DSLR
12	12.6	Covil	que ela, em agonia, faz questão de tirar dali e guardar no próprio bolso.	Plano médio visão das costas	DSLR
12	12.7	Covil	A CRIATURA então aparece por trás. EVA se vira para aquilo e recua um passo, mas então muda de ideia e dá dois passos pra frente, segurando a faca. Ela espera que a CRIATURA se aproxime.	Plano lateral médio acompanhando essa movimentação	DSLR
12	12.8	Covil	Quando a CRIATURA se aproxima o suficiente, EVA avança, AQUILO desviando e batendo em uma tapadeira, também grunhindo.	Plano próximo, visto pelo ombro de Eva	DSLR
12	12.9	Covil	EVA é empurrada de volta contra a mesa, e empurra as bandejas na direção	Plano próximo, mostrando Eva e o braço da criatura	DSLR

			da CRIATURA e tenta dar a volta.		
12	12.10	Covil	Uma de cada lado da mesa, a CRIATURA se 17 inclina para pegá-la, a mão indo em direção ao pescoço da menina. Ela faz um ataque com a faca, a COISA recolhe a mão, sangrando	Plano lateral médio	DSLR
12	12.11	Covil	EVA corre pelo ambiente, derrubando caixotes, a CRIATURA atrás dela.	Plano próximo das costas de Eva	DSLR
12	12.12	Covil	EVA some por um momento e a CRIATURA parece confusa.	Plano médio frontal	DSLR
12	12.13	Covil	EVA aparece por trás e tenta colocar a faca contra o pescoço da CRIATURA.	Plano próximo, levemente lateral, contra plongée	DSLR
12	12.14	Covil	Mas a CRIATURA segura seus braços e dá um jeito de jogá-la contra a parede. EVA grita e fica atordoada por apenas um momento, mas é o suficiente para que a COISA segure seus pulsos, tentando pegar a faca.	Plano próximo, Frontal, acompanhando movimento por cima do ombro da criatura, plongée	DSLR
12	12.15	Covil	EVA dá um chute, e acerta, a CRIATURA recua	Plano médio, lateral	DSLR
12	12.16	Covil	A blusa de EVA foi rasgada e ela está com o rosto sangrando.	Plano próximo, contra plongée	DSLR

12	12.17	Covil	A garota dá um soco com a mão sem a faca e um ataque com a outra.	Plano próximo, visão pelo ombro de Eva	DSLR
12	12.18	Covil	A CRIATURA perdeu a parte inferior da máscara e agora é possível ver sua boca, também sangrando.	Plano próximo do rosto da Criatura, passa pelo rosto e foca na boca	DSLR
12	12.19	Covil	A CRIATURA avança para outro lado, puxa uma corrente pendurada, fazendo um barulho pesado, e tenta atacar EVA.	Plano próximo, Câmera acompanha o comprimento da corrente	DSLR
12	12.20	Covil	Acerta a primeira vez, EVA sentindo dor, mas da segunda ela segura a corrente e usa para puxar a CRIATURA, que larga a corrente e segura seu pescoço.	Plano lateral médio	DSLR
12	12.21	Covil	Começando a perder o ar, EVA empurra a CRIATURA, que cai sentada numa cadeira. EVA fica por cima, como que sentada em seu colo.	Plano próximo, contra plongée, começa no rosto de Eva e passa para suas costas a medida que ela avança	DSLR
12	12.22	Covil	Perdendo o ar, EVA vai jogando a cabeça para trás, fechando os olhos.	Lateral próximo	DSLR
12	12.23	Covil	Ela segura as costas da CRIATURA e enfia a faca em seu ventre.	Plano frontal, mostrando Eva e as costas de Criatura, contra plongée	DSLR
12	12.24	Covil	Faca na criatura	Plano detalhe	DSLR

12	12.25	Covil	Leva sua mão até o rosto da CRIATURA, que está sangrando mais pela boca enquanto sorri. EVA passa seus dedos pelos lábios manchados. Tudo fica escuro.	Plano próximo, acompanhando o movimento	DSLR
13	13.1	Parque	É como se fosse uma gravação da câmera de Alice, mas nos olhos de EVA. Ela os abre e vê DOMI, como se estivesse deitada em seu colo. DOMI tem um sorriso discreto no rosto.	Câmera subjetiva, contra plongée próximo, diálogo em plano e contraplano	Filmadora
13	13.2	Parque	É como se fosse uma gravação da câmera de Alice, e pode-se ver EVA deitada no colo de DOMI...EVA-Eu falei que não ia deixar você sumir.	Câmera subjetiva, plongée próximo	Filmadora
13	13.3	Parque	DOMI - Eu prometi que a gente não ia sumir.	Câmera subjetiva, contra plongée próximo	Filmadora
13	13.4	Parque	EVA- Tem sangue e... Ah, eu sou tão terrível quanto vocês.	Câmera subjetiva, plongée próximo	Filmadora
13	13.5	Parque	DOMI- Você não sabia? Talvez seja até um pouco pior.	Câmera subjetiva, contra plongée próximo	Filmadora
13	13.6	Parque	EVA- Ninguém liga.	Câmera subjetiva, contra plongée próximo	Filmadora
13	13.7	Parque	DOMI- Mas você liga.	Câmera subjetiva, plongée próximo	Filmadora

13	13.8	Parque	EVA segura o rosto da outra menina com delicadeza.	Câmera subjetiva, contra plongée próximo	Filmadora
13	13.9	Parque	DOMI se inclina mais sobre ela. Elas se beijam.	Plano frontal, detalhe	Filmadora